ANNO V — N. 41 JANEIRO, 1930

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

JANEIRO A ABRIL
1930

SUMMARIO

Mãos á obra,— O arranjo da escola.— Conversa em torno de methodos. — Como recitar. — Como ensinar até seis, *H Cohen* e *R. Flantz.* — O trabalho das ferias. — O cartão postal no ensino de geographia. — Hervas, arbustos e arvores (Capitulo do livro "Science of plantas life", de *Edgard Nelson Transeau*). — O ensino primario no Districto Federal, *Alayde Lisboa.* — Pequena Anthologia de recitativos.

A VOZ DA PRATICA — DAQUI E DALI

BELLO HORIZONTE — ESTADO DE MINAS GERAES

LIVRARIA ALVES

O Mundo na mão, pequena incyclopedia de conhecimentos uteis, 1 vol. com 800 pags. enc. 15$000.

Candido de Figueiredo — Pequenos Diccionarios da Lingua portugueza, 1 vol. com 1.466 pags. enc. 15$000.

Jayme de Seguier — Diccionario encyclopedico pratico e Illustrado da lingua portugueza, 6.000 gravuras, 110 quadros e 90 mappas, 1 vol. com 1.780 pags. enc. 25$000.

J. Soares — Atlas historico — geographico universal, o mais completo e moderno existente em portuguez, 1 vol. com 104 mappas primorosamente impressos e coloridos, enc. 25$000.

PEDIDOS A

Livraria Francisco Alves

Paulo de Azevedo & Cia.

BAHIA 1.052

BELLO HORIZONTE

ANNO V — N. 41 JANEIRO DE 1930

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 210
Data 20-10-77
BIBLIOTECA

MÃOS Á OBRA

Paremos um pouco, no limiar do anno lectivo de 1930, e pensemos um pouco sobre a grande tarefa que nos compete.

Vão-se abrir de novo as escolas. A nossa classe ahi volta, depois dos mezes de ferias, como um bando de aves garrulas e travessas, com os olhos vivos e com uma bocca cheia de riso. Quantos novos? Muitos novos, todos novos, por vezes.

Nas escolas singulares, sente-se a falta dos que terminaram o curso e nota-se a presença de um punhado de pequeninos, receiosos e timidos. Nos grupos, a professora vae encarar uma classe inteiramente nova.

Que pretendemos fazer para educar essa turba esperançosa e feliz que se nos confia?

Ella já esta a observar-nos a attitude, o gesto, o olhar. Ella escuta a nossa voz, pondera as nossas palavras, recolhe os nossos pensamentos. E vae desde já induzindo conclusões a nosso respeito, pesando a nossa cultura, medindo o nosso caracter. E julgando. As crianças são grandes juizes. Juizes puros, altos, verdadeiros.

Que pretendemos fazer para que nos julguem bons professores e pessoas honestas?

Ellas vieram para a classe com uma enorme curiosidade de nos conhecer. Esperavam e desejavam uma figura, cheia de carinho e sabedoria, capaz de as encarar com indulgencia, brincar com ellas, trabalhar com ellas e lhes contar historias interessantes.

Que pretendemos fazer dessas creanças brandas e doceis, cujos destinos estão por assim dizer em nossas mãos?

Pensemos que é necessaria uma enorme indulgencia, para sabermos encarar, com bons olhos, as suas travessuras; uma grande intelligencia, para explicarmos as suas acções e descobrir através dessas acções — o feixe de motivos que as occasionou; um serio estudo, acerca das materias fundamentaes de nosso officio, para conhecermos as aptidões, as tendencias, os instinctos das crianças, todas as suas possibilidades, para que as encaminhemos para o bem, como um corrego dagua limpida e borbulhante para a fecundação dos campos...

Pensemos que temos de levar pilhas de cadernos para casa e que temos de roubar horas ao prazer, ao descanso e ás delicias da familia, para corrigirmos, com cuidado, paginas e paginas e, sobretudo, adivinharmos, através da calligraphia tremula e irregular, a psychologia inquieta e obscura das pequeninas creaturas.

Pensemos que os paes folhearão, em casa, os cadernos de seus pequeninos como perscrutarão tudo o que se lhes passa nalma, depois das aulas — e comprehendamos que notarão o talhe de nossa letra, o pensamento de nosso dictado, o acerto e o esmero de nossas correcções, a sabedoria e a paciencia de nossos conselhos escriptos — para emittirem sobre nós o julgamento definitivo da communhão em cujo seio vivemos.

Que pretendemos fazer, portanto, neste anno lectivo?

Reformar o nosso espirito, com forte esforço, para a acquisição de novos methodos e processos?

Ou continuar no mesmo passo, com o mesmo tom de voz e com a mesma attitude?

Lêr um punhado de livros, tranformando o nosso espirito e dando-lhe a alegria das novas idéas?

Ou deixal-o em jejum, afastado dos livros, rachitico e dessorado, como um desgraçado ser, sem alimento?

Cumprir o nosso dever, obedecendo ás directrizes que nos impõe o Regulamento, como as mais proprias para a educação da infancia?

Ou não cumprir o nosso dever, não por espirito de desobediencia e rebeldia, mas, o que é peor, porque somos uns vencidos?

Ser professores de verdade, guias, companheiros e orientadores de nossas crianças, comparsas de brinquedos, de travessuras, de pesquisas, de aventuras, de experimentações, de leituras e de estudo?

Ou professores-feitores, simples marcadores de tarefas, com o sobrecenho carregado deante da tarefa não cumprida, impacientes, intolerantes, caprichosos, presumpçosos de uma falsa sciencia?

Não ha escolha entre esses dois caminhos. Sejamos os bons professores de nossa infancia. Mas sejamos verdadeiros professores, que vivem sempre ás voltas com os livros e com as crianças, transformando-se dia a dia e transformando os pequeninos que se lhes entregam. Sejamos professores de verdade, orgulhosos das pequeninas coisas de nosso officio, satisfeitos com a nossa sala, alegres no cumprimento das mais humildes, obscuras e fatigantes funcções do nosso officio, tão orgulhosos do applauso da sociedade como do ar zangado de uma criança, cujos cabellos inspeccionamos maternalmente.

Que nunca se diga que a nossa infancia é menos feliz do que a infancia dos outros paizes do mundo, porque nós não estudamos, nós não caminhamos, nós não sabemos dar-lhe todas as riquezas de nosso carinho e toda a força de nossa intelligencia.

O ARRANJO DA ESCOLA

Summario: — O ambiente escolar e a sua influencia sobre os alumnos — Como deve ser disposto — A participação dos alumnos nessa disposição — Que vantagens educativas offerece aos alumnos o arranjo da sala.

I—Não ha quem razoavelmente duvide da influencia profunda que sobre os alumnos exerce o ambiente da escola. Não nos referimos á influencia que sobre a sua saude pode exercer um predio mal construido ou anti-hygienico, porque isso entra pelos olhos de todos, mas á influencia que sobre os alumnos pode exercer o arranjo interno, o arranjo de portas a dentro, o arranjo por assim dizer domestico e familiar da escola.

Toda gente sabe que uma sala desasseiada ou mal composta não predispõe á actividade. Enfastia, desanima, entristece. Tanto é assim que os grandes industriaes timbram em tornar as salas de suas officinas e fabricas cada vez mais bellas, commodas, claras e risonhas, afastando todas aquellas coisas que de algum modo possam impressionar mal os operarios, deprimir-lhes o animo e diminuir-lhes a efficiencia. Ornam-nas e enfeitam-nas, alem de as construirem amplas e hygienicas, para manterem um ambiente sadio e alegre.

Ora se isso acontece com os adultos, é claro que ha de acontecer, e com maiores razões, com as creanças, organismos delicados e brandos como a cêra, que reagem fortemente e immediatamente aos menores estimulos e em que as impressões se gravam, com facilidade.

Um inspector escolar teve occasião de verificar a influencia que sobre as creanças de uma escola rural teve um simples concerto do predio, acompanhado de certos cuidados tomados pela professora, como a limpeza do assoalho,

acquisição de uma escova para se limparem os chapéos, e algumas flores num pequeno vaso. Os meninos, por um estranho contagio, começaram a vir mais limpos, quer quanto ao corpo quer quanto á roupa. E até mesmo nas casas de familia repercutiu a influencia, notada nos paes, com maior preocupação de hygiene, á imitação de seus filhos

II — Esse capitulo "Decoração Escolar" — tem sido admiravelmente estudado por grandes tratadistas e seria util ao professorado procurar saber como ha de ornamentar a sua classe do melhor meio possivel e com um minimo de despezas.

Foge propriamente ao nosso proposito de hoje, que é estudar o arranjo da escola, e a elle nos referimos apenas incidentemente.

O problema que estudamos depara-se-nos em todas as nossas escolas e deve ser resolvido, sem difficuldades: como dispôr o material que existe em nossa sala de aula, quer o material didactico propriamente dito, quer o mobiliario?

Está ahi uma collecção de excellentes problemas, de verdadeiros e interessantes problemas da vida real, capazes de pôr em jogo a intelligencia, a iniciativa, a cooperação, o bom gosto e outras qualidades e virtudes que cumpre estimular e desenvolver.

Taes problemas, valem para a educação infantil muito mais do que varios capitulos de arithmetica e uma enorme serie de calculos, — porque despertam o interesse infantil, dão ás creanças vontade de resolvel-os, obrigam-nas a raciocinar e a agir, com um proposito em vista. Frisamos: agem com um proposito determinado, que é o de organizar a sala do melhor modo possivel, e esse elemento *proposito, fim, intenção* — é fundamental nas acções infantis como nas dos adultos.

Aproveitem-se delles os professores de verdade e não receiem perder tempo, porque se lhes abrem muitos ensejos, no decorrer do arranjo da classe, de ensinarem muitas coisas aos pequenos e, naturalmente, de lhes desenvolver qualidades fundamentaes de um bom caracter.

III — O professor proporá a seus alumnos o projecto de melhor disporem a sala da escola, no sentido de ser ella mais commoda para o trabalho, mais agradavel aos olhos dos alumnos e dos visitantes. Proporá e dar-lhes-á liberdade de discutirem, de planejarem e de agirem.

Qual o melhor meio de dispor as carteiras? Discutam ordenadamente, experimentem um pouco, e cheguem a uma conclusão definitiva.

Tratem então de praticar o plano traçado e ahi está uma opportunidade para se fazer um trabalho em grupo, trabalho de combinação, habituando os alumnos a trabalharem em cooperação, virtude basica numa democracia.

Qual o melhor lugar para o quadro negro?

Qual o melhor lugar para o armario?

Os quadros estão bem dispostos nas paredes?

Tal quadro não é grande demais para aquelle espaço pequeno?

Tal quadrinho não parece perdido na parede enorme e branca?

Em que ordem vão ser collocados os retratos de Tiradentes, de Ruy Barbosa, de Machado de Assis, de Floriano Peixoto e de José Bonifacio?

Qual vocês acham que deve ser em primeiro logar?

A mesa do professor está bem collocada?

De que lado deve vir a luz, para que não prejudique a vista dos alumnos?

Os mappas devem ficar na parede todo o tempo? A luz do sol não os descorará?

O taboleiro de areia deve ficar num canto e encostado á parede? Como então varrer a areia que delle cáe?

Aquella pintura está bem, escondida na sombra?

A disposição que deram ás carteiras não pertuba tal e tal actividade?

E assim uma collecção de problemas se apresenta, por certo que desinteressantes para as creaturas de barba feita, mas interessantissimas e fecundas para as creanças, para quem a escola deve exclusivamente voltar a sua attenção.

Deante das respostas dos alumnos, deve indagar porque e dahi verá que nova fonte de experiencias se lhes offerece.

Tal dirá que em outra sala ou casa os viu dispostos diversamente.

O professor leval-os-á, então, á observação e á comparação das diversas situações, processos fecundos e indispensaveis para a elaboração das idéas.

IV — O professor intelligente aproveitar-se-á, com cuidado, de todas as excellentes opportunidades que se lhe abrirem, para desenvolver os seus alumnos, sob o ponto de vista physico, intellectual, moral e social. Desenvolver é educar e qual é a missão da escola senão educar?

Consideremos ligeiramente os problemas propostos aos alumnos para bem disporem a sala e as vantagens educativas dos varios exercicios feitos.

Quanto á educação physica, parece que não ha duvida: levantaram-se; tomaram as carteiras; fizeram esforço para collocal-as em tal e tal posição; subiram em carteiras para collocarem melhor os quadros: pularam, saltaram, andaram.

Quanto á educação intellectual, alguns exemplos: tiveram que pôr em jogo a intelligencia para alvitrarem as melhores soluções para os casos; mediram a sala e as carteiras, para calcularem quantas caberiam em tal disposição; os mais adeantados escreveram as suas propostas; aprendeu-se hygiene quanto á disposição do taboleiro de areia, do quadro negro e da projecção da luz; passou-se para a geographia, quanto á collocação dos mappas e quadros; para a historia, na collocação de tal e tal retrato em primeiro lugar, podendo o mestre contar varias passagens da vida dos grandes homens, para que os alumnos estabeleçam a prioridade, etc; a lingua foi exercitada continuamente e o professor teve ensejo de conversar com os alumnos, natural e cordialmente.

Quanto á educação moral, o combate á timidez, a independencia de opinião, o emprego do direito de emittir opinião, o repeito á personalidade alheia, fugir á presumpção, ouvir a opinião alheia, enfrentar a critica e a resposta dos companheiros, a elevação de vêr o seu projecto não acceito e de applaudir o triumpho de um seu companheiro, a serenidade de animo na discussão, etc.

Quanto á educação social, o respeito á personalidade alheia a que já nos referimos, a tolerança para com aquelles que teem opiniões differentes, a cooperação com os companheiros no sentido de effectuarem o plano combinado, o cavalheirismo de não deixar as meninas carregarem as carteiras, etc.

V — Como se vê, ha ahi materia para muitos dias de aula e materia deveras interessante, suggestiva, opulenta e fecunda de opportunidades.

Junte-se a isso o sentimento de compropriedade, co-autoria e collaboração que os alumnos vão adquirindo para com a *sua* escola, em cujo arranjo e belleza puzeram um pouco de sua intelligencia e de seu esforço.

Essa collaboração ir-se-á augmentando, cada vez mais, atravez dos dias, e revestir-se-á de novas formas e modalidades faceis de prever, como encarregarem-se de prover de flores trazidas de sua casa — o vaso da mesa, fazerem desenhos para se collocarem nas paredes, estabelecerem melhor systema de limparem os calçados ou os pés antes de entrarem na sala, etc.

Não é aqui opportuno o momento, mas achamos util frisar que os desenhos dos alumnos devem ser aproveitados para serem expostos em pequenos quadros toscos, por elles mesmos construidos, e collocados nas paredes da sala.

Versarão sobre motivos locaes e serão expostos, sejam quaes forem as suas deficiencias. Não podem ser julgados, com o criterio dos adultos, porque aquillo que, sob o ponto de vista do artista, pode parecer hediondo e horrivel, pode parecer obra natural e curiosa, sob o ponto de vista pedagogico.

Não ha melhores quadros do que essas paisagens ingenuas das creanças — para os olhos dos verdadeiros educadores.

Rousseau recommenda no *Emilio* essa pratica intelligente e faz mesmo pôr em bons quadros, com todo o cuidado, os desenhos de Emilio.

Não é preciso ir a tanto. Basta que a professora faça os alumnos construir algumas molduras, com ramos de arvore, e nellas colloque e exponha, por alguns dias ou horas, os melhores trabalhos.

E em todo caso estimulem os alumnos a desenhar a natureza ambiente, as velhas casas, as velhas igrejas, um trecho de rio, uma velha ponte, um pico de montanha, para melhor fixarem, guardarem, conhecerem, amarem o quadro physico dentro de cujos limites se exercitam a actividade sua e dos seus...

ONVERSA EM TORNO DE METHODOS

Fala-se ainda muito em methodos e discutem-se com r as suas denominações e as suas vantagens, como se isso antasse grande coisa ao problema da educação. Aos par- arios convictos de tal methodo, oppõem-se outros, não me- s convictos, que enaltecem o valor de um methodo diffe- te. E ainda uma vez se repete, a ui, o velho phenomeno itas vezes observado na vida e nas relações sociaes: a into- rancia, que só admitte uma doutrina — a propria doutrina, e m só ponto de vista — o seu ponto de vista.

E isso acontece muito embora o dominio das idéas pa- eça antes um campo neutro, a que não chega o rumor das tereis paixões do mundo. Puro engano... Onde ha mais ntolerancia, é justamente no terreno das idéas — as pedagogi- cas inclusive.

Cada qual achando incomparavel o seu methodo ou insub- stituivel a sua orientação, não teremos dado, é claro, nem um passo para a frente. A intelligencia, senão o simples bom senso aconselharia uma fusão de todos esses methodos, ou por outra, o aproveitamento consciencioso do que cada um delles possue de bom (e quasi sempre possue alguma coisa) e o amalgama desses elementos para a obtenção de um resultado que todos visavam mas que, isoladamente, nenhum delles seria capaz de attingir.

Colher de cada methodo o que elle tem de bom... Mis- ter de abelha, emfim. E, como o mister da abelha, uma ta- a racional, delicada e alta.

Parece difficil, á primeira vista. Não é. Em primeiro logar, considere-se que todas as direcções suggeridas até hoje pa ra o trabalho educativo, por muito originaes que sejam na apparencia, se reportam a dois typos distinctos e perfeita- ente caracterizados: o methodo intuitivo, um; o methodo ctivo, outro. O resto é literatura.

Eis ahi. O que nos cumpre, pois, é tão somente appro- imar um do outro esses methodos, de sorte a que se har- onizem e completem em proveito da educação, tendo o pro-

fessor sempre em vista aquella seria palavra segundo a qua seu trabalho não consiste apenas em transmittir noções papagaio tambem as transmitte) mas ainda em despertar alumno as faculdades de raciocinio e julgamento. Todo esço que tenda a esse resultado será um esforço nobre. conjugação dos dois methodos geraes de educação — o intive e o activo — é, sem duvida, um desses esforços.

Methodo intuitivo

Ouçamos um provecto professor mineiro: «Sem intção não ha ensino primario".

E' a base de todo ensino ou sciencia, lembra um educador francez; é o acto mais expontaneo da intelligencia humana affirma outro.

Seria inutil accrescentar opiniões em favor do method intuitivo. Elle enriquece o espirito infantil com imagens e impressões que nenhum outro conjunto de processos pedagogicos seria capaz de apresentar sob uma luz tão viva. O esforço que o alumno tem de desenvolver, elle o mostra sob uma fórma sempre agradavel e mesmo recreativa. Facultando a rapida acquisição dos conhecimentos, dá a estes um colorido e uma significação que torna amavel a sua apprehensão. E' um permanente convite á criança para que se instrúa e eduque os sentidos. Convite para exercer os seus dons de observação nos mil e um objectos e coisas que, são, afinal, todo o panno de fundo de nossa existencia, o dia—a—dia que nem por ser quotidiano é realmente vulgar e, antes, é tanto mais curioso quanto mais quotidiano: a sala de aula com os seus moveis, cadernos, mappas; a rua, com os seus postes, casas, vehiculos; o lar, com os attributos que lhe são proprios; e o cinema, o jardim publico, a bibliotheca, o mercado, a cidade, emfim.

Mas, não nos enthusiasmemos muito e reconheçamos que sendo "a base de todo ensino", esse methodo não é 'todo o ensino". Por elle, a criança não se apropria de toda sciencia, mas apenas de tudo aquillo que, na sciencia, está ao alcance de suas mãos frageis e de seus olhos inexpertos. Em summa: Elle vale por "um golpe de vista muito summario, muito deficiente"; é um simples meio de iniciação ao conhecimento, um mero ponto de partida. Faz penetrarem facilmente as noções no cerebro infantil, mas não lhes garante a permanencia alli nem a sua incorporação á bagagem intellectual do alumno.

Como garantir essa incorporação?

METHODO ACTIVO

E' a vez do methodo activo. Appellamos para elle afim de que a actividade do alumno se revista daquelles caracteristicos de consciencia e de independencia que nos permittam consideral-a como um authentico trabalho pessoal. A formula "ensino pelos olhos" ou "ensino pelo aspecto" se alargará e desdobrará em perspectivas muito mais amplas se modificada para "ensino pela acção".

Fazer a creança agir, eis o primeiro dever do mestre (Tudo isso é velho como o mundo, o que não impede que seja bom repetil-o de vez em quando). Com essa obrigação estabelecida — fazer a creança agir — diremos adeus ás cacetissimas lições recitadas, ás formulas, definições, generalizações e dissertações, tão do gôsto da escola antiga, essa pobre escola, coitada, que tanto mal nos fez, com a melhor das intenções. Em uma atmosphera completamente isenta de verbalismo, os trabalhos escolares ganham uma intensidade e uma eficiencia até então desconhecidas, e que só se explicam pelo respeito que ahi se consagra á actividade creadora da criança, traço distinctivo de sua natureza irrequieta. Assim considerada, é que a escola se abre para a vida e para esse «ar do largo, embebido de sal e de iodo», a que, ainda ha pouco, se referia o reformador do ensino em Minas Geraes.

«Nós só conhecemos bem aquillo que fazemos», disse Aristoteles, e essa breve palavra, depois de um curso de mais de dois mil annos, conserva ainda o sabor das coisas verdadeiras. Assim, o alumno que recita, na ponta da lingua, uma regra qualquer de grammatica, mas não sabe applical-a no primeiro trecho lido ou escutado, esse alumno ignora absolutamente tal regra; ao passo que o seu collega que a conhece *de facto*, embora não a recite, infallivelmente a applicará e é o que serve. O mesmo quanto á arithmetica, o mesmo quanto á geographia, quanto a todas as disciplinas do curso.

Depois disso, porque hesitar? Porque ter medo de dar livre curso á actividade infantil, se só ella dissipará a monotonia e a inutilidade das aulas - monologo, em que o professor lentamente se suicida, conseguindo, ao mesmo tempo, envenenar os alumnos?

Não nos preoccupemos com simples palavras e não queiramos dar a essas duas expressões — methodo directo e methodo activo — uma significação rigida que não nos permitta exercitar os dois ao mesmo tempo, um completando o outro. Nem

nos preoccupemos muito em aperfeiçoar theoricamente até o infinito os nossos instrumentos de trabalho escolar, deixando a argilla infantil sem modelar, ou mal modelada. Não é aqui o logar dos «doutores subtillissimos», que investigam a razão primaria de todas as coisas mas não sabem onde está situado, na rua, o poste de parada dos vehiculos.

O essencial, emfim, é romper com o dogmatismo, a verbiagem, o ensino mecanico, e transformar a tarefa escolar numa tarefa attrahente. E' crear o interesse na escola. Uma vez despertado este, a classe irá longe. O melhor, o unico e verdadeiro methodo será, portanto, aquelle que, eliminando da escola os factores de inercia e aborrecimento, insinue ao mesmo tempo o habito do esforço. E nem se diga que, com o esforço, a escola deixará de ser agradavel. No principio de qualquer estudo novo, lembra um auctor, é sempre indispensavel um esforço provocado e, consequentemente, uma fadiga, um soffrimento. Mas se renunciarmos a esse estudo unicamente para evitar o pequeno soffrimento inicial, que será de nós, mais tarde?

Para tornar a escola agradavel

A este respeito, convem fixar algumas indicações que o professor terá em vista para tornar a sua escola attraente, mesmo exigindo os alumnos um trabalho mais intenso do que o antigamente exigido:

1º. *Uma impressão de bem estar* precede sempre ao trabalho e, no nosso caso, conduz a criança a experimentar o prazer de ir á escola. Para isso, é necessario que a escola, por muito humilde e mal installada que seja, apresente qualquer coisa de agradavel, com que deleitar os sentidos ou alimentar a imaginação das crianças. Que seja decorada de accordo com a mentalidade dos alumnos e com a collaboração immediata destes. Note-se que, nesse particular, o bom gosto e a habilidade do professor corrigem muitos erros e senões julgados irremediaveis, e devidos ao constructor. Convençamo-nos de que nem todas as escolas poderão ser ricas e bem montadas, e a maior a dellas não o será nunca, mas todas podem offerecer á criança um elemento de satisfacção e um instante de alegria.

A's vezes, uma simples gravura basta...

2º. *Evitar toda fadiga inutil* é uma das primeiras obrigações do professor. Para conseguil-o, não terá apenas que cortar nas lições muito longas ou espaçar os exercicios sobre

cada materia. Não é só a repetição que cansa. Preoccupa-se o professor em verificar se os alumnos estão sentados commodamente? Jamais lhe passou pela cabeça que toda uma zona da sala está condemnada pela illuminação insufficiente e que isso obriga as crianças nella agrupadas a não prestarem attenção ao quadro negro e ás cartas muraes? Muitas outras perguntas do mesmo genero poderiam ser feitas. E' preciso não forçar o alumno a um dispendio inutil de energia. Sem o que, a escola será um logar odiado.

3°. *Pôr em pratica processos exactamente adaptados á natureza infantil*, que reclama a actividade e nella se compraz. E aqui se comprehende como é possivel exigir da classe, em dado momento, um esforço collectivo, que, mesmo penoso na apparencia, será sempre agradavel aos alumnos, porque faz appello ás forças e recursos de sua natureza, que elles mais gostam de exercitar. O esforço produz-se, tal como desejavamos, sem perda do seu valor educativo, uma vez facilitado pelo emprego daquelles processos, que estão na consciencia de todo bom professor: observação de objectos e de imagens, experimentações sobre os mais variados assumptos, exercicios de desenho e de trabalhos manuaes, formação de collecções, organização de um material que torne concretas as noções de calculo—tudo isso feito pelo alumno, que saberá o preço do seu esforço e ficará amando o seu trabalho, ás vezes difficil mas sempre suggestivo, alegre—e efficiente.

COMO RECITAR

E' velha entre nós a pratica dos recitativos. Não ha festa em que não os tenhamos, numerosos e extensos, versando todos os assumptos, ora serios, ora alegres.

Não seria, portanto, necessario enumerar-lhes as vantagens, para introduzil-os em nossas escolas, porque nellas já se acham de ha muito introduzidos.

O que queremos é fazer sobre elles algumas considerações, para que sejam melhormente feitos e para que produzam melhores resultados.

Fim

Antes de tudo, cumpre determinar qual o fim ou quaes os fins que temos em mira, quando fazemos os nossos pequenos recitarem.

O recitativo agrada ordinariamente aos meninos, porque satisfaz um de seus instinctos mais profundos, que é o da exhibição, e, principalmente, agrada aos paes dos meninos, recitem bem ou mal.

Mas claro está que não deve ser esse o fim dos recitativos.

O fim principal nos parece o seguinte: é um exercicio de lingua, destinado a dar aos alumnos um punhado de palavras novas, alguns torneios de phrases que não se lhes depararão ordinariamente na vida e uma provisão de idéas e de pensamentos bons.

Ao lado desse fim, alguns excellentes resultados e não menos importantes, sobre alguns dos quaes não parece ocioso insistirmos.

Em primeiro lugar, é util para a cultura espiritual dos alumnos terem de memoria uma bôa pagina de literatura, lapidar de forma e sã de fundo.

Em segundo lugar, recitando, contrariam e combatem a timidez e o acanhamento.

Em terceiro lugar, esforçam-se por adquirir bôas maneiras, porque constituem centro da attenção e da observação de todos.

Em quarto lugar, sujeitando-se á critica inevitavel dos seus companheiros da classe, aprenderão os alumnos a portar-se bem diante dos juizos de seus companheiros e a seguil-os, quando bons.

Em quinto lugar, aprenderão a articular bem as palavras, falarão, naturalmente e sem affectação, porque os pequenos não perdoariam a emphase e a empafia. Ao contrario, falarão com expressão e graça, engrossando a voz, quando lobo e afinando-a, quando cordeiro, porque a petizada reclamará infallivelmente, se fôr livre de dizer o que pensa, como se espera de uma bôa escola.

Em sexto lugar, emquanto um alumno recita, os outros, além de ouvirem, com curiosidade, uma bôa pagina, adquiriririrão o habito de ouvir e de estar silenciosos, quando alguem fala. Virtude rara numa terra em que todos falam ao mesmo tempo...

Finalmente, para não augmentar esta cantiga infindavel, os recitativos afinam o sentimento esthetico dos alumnos, pelos bellos pensamentos e bello rithmo das phrases, apuram-lhes os sentimentos, através de encantadoras historias e de altos conceitos que devem encerrar, exercitam-lhes e desenvolvem-lhes a memoria, prestam-lhes grande auxilio na leitura, ministram-lhes coragem, sangue-frio, estabilidade nervosa, dominio de si proprios, firmeza, virilidade.

Quantos resultados bons ainda não se poderão tirar? Quantas opportunidades nos offerece essa pratica antiquissima, para se por em movimento grande numero de sentimentos dos alumnos e desenvolvel-os convenientemente? Basta essa ennumeração, que vae sendo feita ao correr da penna, para que os nossos leitores se capacitem de que se trata realmente de um excellente exercicio e de que os nossos professores não têm tirado delle as vantagens e utilidades, que podem tirar.

Um bom processo

E' util ponderar os objectivos de uma pratica escolar, para que melhormente a pratiquemos. Sabendo-se onde está o "goal"—mais facilmente se levará a bola até elle. Cum-

pre, portanto, vêr quaes as qualidades que se esperam desenvolver nos alumnos, por intermedio de um procedimento didactico, e conduzil-o de modo que desenvolva realmente taes qualidades.

Assim, depois dos fins principaes e accessorios que acima referimos, devemos dar aos recitativos a orientação mais perfeita no sentido de alcançal-os, e essa nos parece a seguinte: I) escolher bem os trechos a recitar; II) deixar bem explicado o sentido do trecho e assignalar a idéa geral; III) Conversar com os alumnos detidamente sobre o enredo e promover exercicios de applicação das conclusões tiradas; IV) accentuar o que houver de importante quanto ao vocabulario, orthographia, belleza de expressão, moral; V) recitar.

I—Escolha de trechos

Quanto á escolha de recitativos, cumpre recommendar que não sejam apenas versos, mas tambem prosa. Um trecho de prosa, posto que mais difficil de decorar, produz por vezes mais effeito e é mais proprio para evitar o canto e a emphase.

Desnecessario insistir em que os recitativos sejam de bons autores e puros na forma e no fundo, porque é verdadeiro crime fazer com que os alumnos decorem enormes poesias de autores merecidamente desconhecidos, coisas que são por vezes terriveis attentados contra o bom gosto e o bom senso...

Deve-se salientar que os recitativos longos enfastiam o auditorio e martyrisam o recitador. Devem ser curtos, adequados á capacidade, á idade e ao meio dos alumnos e nos primeiros annos primarios, devem ter, alem de enredo simples, palavras concretas.

Achamos preferiveis as fabulas, os contos, as historietas, notadamente aquelles em que entrem varios personagens, porque ensejarão opportunidade a que varios alumnos cooperem na recitação da mesma peça.

O meio deve ser levado em conta, porque nem sempre o que serve a um menino serve a uma menina e o que convem a um menino de cidade pode desconvir a um alumno de uma escola rural.

É necessario que estejam á altura da comprehensão dos alumnos, porque para estes e só para estes é que foram feitos os recitativos e a unica qualidade que poderão despertar nelles os recitativos complicados e acima de sua mentalidade é

qualidade do papagaio: dizer coisas que não comprehende e que lhe não aproveitam...

Pouco importa que o auditorio de adultos não se agrade dos motivos infantis de que consistem taes poesias ou historietas. Não se trata na escola de edificar ou educar adultos, mas creanças.

Emfim: nada de poesias sentimentaes e piégas dando ás creanças attitude ridicula, do peor romantismo, e que é um dos males da nossa gente...

II—Explicação

Antes de dar uma pagina a decorar, cumpre explicar aos alumnos a significação das palavras desconhecidas ou fazer com que as procurem, por suas mãos, no diccionario, quando puderem manejal-o. É essa uma bôa opportunidade de se estudarem synonymos, antonymos, particularidades da orthographia e da grammatica. Guarda-se melhor uma observação grammatical sobre um trecho que se tem de cór e que se recita amiude do que sobre qualquer outro.

Note-se que tal explicação não pode ser dada inteiramente nem na maior parte pelo professor. Este, quando muito, deve suscitar questões, assignalar particularidades não observadas, deixando aos alumnos resolvel-as e discutil-as.

Perguntará, por exemplo: Que fez o lobo? Que disse o cordeiro? O lobo tinha medo do cordeiro? O cordeiro mentiu? Porque o lobo ficou enraivecido? Porque o lobo resolveu matar o cordeiro: porque lhe respondeu na hora ou por inimizade dos paes do cordeiro?

Suscitará, repetimos, novos pontos de vista, pondo em actividade a intelligencia dos alumnos, ponderando as opiniões, contrapondo-as entre si e submettendo-as á consideração dos outros.

Igualmente não deve ficar essa explicação restricta á parte grammatical e á comprehensão do enredo, mas deve terminar em conclusões — quanto á parte moral. Que os alumnos apprehendam bem a idéa geral e analysem os meios de que o autor lançou mão para traduzil-a.

III—Applicações

Lida uma pagina, bem explicada e discutida, cumpre fazer exercicios, sobre ella, não só para verificar em que

grau foi comprehendida, como tambem para melhor assimilal-a.

Os alumnos poderão traçar apreciações sobre o enredo, descrever os personagens, applicar o caso em si, aventar situações semelhantes, procurar soluções differentes, emittir, afinal, o seu juizo pessoal sobre o assumpto.

Retornando á fabula de La Fontaine, *O Lobo e o Cordeiro*, a que já nos referimos, poderão os alumnos sobre ella fazer excellentes exercicios de linguagem, como narral-a naturalmente, falando e escrevendo; explicar o motivo do encontro das personagens; traçar a biographia do cordeiro, com os informes da poesia; apontar as qualidades do lobo; tirar a moral da fabula e discutil-a; dramatizar a historia, em companhia de um collega e com as suas proprias expressões; dizer o que faria, se fosse o cordeiro. Emfim, tirar do trecho lido todas as vantagens que offerece — para a educação dos alumnos.

Reparem bem: uma fabula pode dar materia para semanas e semanas, sem enfastiar ou desinteressar os alumnos. Não se preoccupem em dar muitas lições, mas extrair, das poucas que derem, todas as virtudes possiveis.

IV — Recitar

Deixando de considerar mais detidamente as observações que se podem fazer quanto ao vocabulario, orthographia, belleza e riqueza de expressões e á moral da pagina, bem como quanto á vida do autor e lugar que occupa na literatura, por serem coisa clara e evidente, — passamos agora ao acto de recitar propriamente.

Estas as qualidades exigidas:

a) pronuncia clara e certa:

b) tom natural e expressivo;

c) gesto que acompanhe todos os pensamentos e lhes auxilie a interpretação;

d) quanto possivel, dialogado.

Conclusão

Antes de terminarmos estas rapidas recommendações, queremos salientar que os professores devem, na aula de linguagem, reservar uns momentos para a decoração collectiva de trechos. Repetirão vagarosamente pedaço a pedaço, fazendo

com que a classe os repita e não devem marcar aos alumnos "daqui até alli, para amanhã", para supplicio delles e de seus paes.

Tambem aconselhamos que, ao lado dos recitativos propriamente dados, empreguem, nas sessões de *auditorium*, a leitura feita pelos alumnos — de uma pagina elevada. Sendo bem feita, tal leitura tem todas as vantagens do recitativo, sem o defeito do supplicio de decorar.

Ainda assignalaremos que os alumnos podem recitar ou lêr paginas delles proprios, em verso ou em prosa, devendo os professores observal-os, com cuidado, estimulal-os e auxilial-os no sentido de suas aptidões.

Finalmente: que os professores, de accordo com as suas experiencias, vão colleccionando paginas e paginas que estejam em condições de serem comprehendidas, queridas, sentidas e amadas pelos pequenos, para que as recitem com agrado e proveito. Uma collecção já experimentada e não por experimentar, e que nunca se complete, ajuntando-se-lhe dia a dia novo material, constituirá um real serviço para o ensino, nesta triste pobreza de nossa literatura infantil.

COMO ENSINAR ATÉ SEIS

De 1 a 3

As varinhas

1.º) — Que tem V. em cima da carteira?

— Varinhas.

— De que são ellas feitas?

— Como são ellas?

2.º — Que é que tenho na mão?

— Uma varinha.

— Tome *uma* tambem e ponha sobre a carteira.

3º. — Quantas varinhas peguei?

— *Duas* varinhas.

— Pegue tambem duas varinhas.

— Como é que V. fez; pegou as *duas* ao mesmo tempo — ou pegou primeiro *uma* varinha e depois mais *uma* varinha?

— *Uma* varinha mais *uma* varinha fazem *duas* varinhas.

Se nós puzermos onde estava *uma* das varinhas, quantas nos restam?

— E se nós puzermos duas?

4.º) — Desta vez tenho *tres* varinhas. Tome tantas quantas tomei.

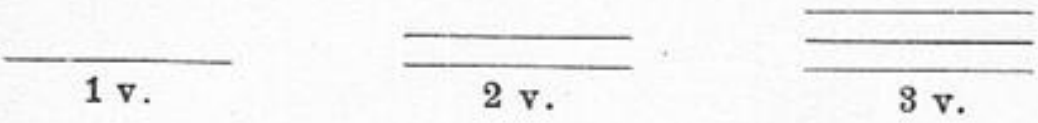
— Como se faz para ter tantas quantas eu? Paulo pega *tres* varinhas de uma vez. João toma *uma*, depois *uma* e depois *uma*. Luiz toma *duas* de uma vez e depois *uma*. Jacqu s toma *uma* e junta-lhe *duas* tomadas de uma vez (repitamos: 1 varinha e uma varinha fazem 2 varinhas; com mais 1 varinha fazem 3; 2 varinhas e 1 varinha fazem 3; 1 varinha e 2 varinhas fazem 3).

— Tiremos 1 varinha. Restam... 2 varinhas.

— Tiremos 2 varinhas. Resta... uma varinha.

— Ponhamos 3 varinhas sobre a carteira. Resta... *nada.*

5.º) — Desenhamos 1 varinha e escrevamos debaixo: 1v. Depois desenhemos 2 varinhas e escrevamos 2v. Depois 3.



1 v. 2 v. 3 v.

— Que restará se apagarmos 1 varinha?

— Se apagarmos 2?

— Depois 3?

De 1 a 3 objectos

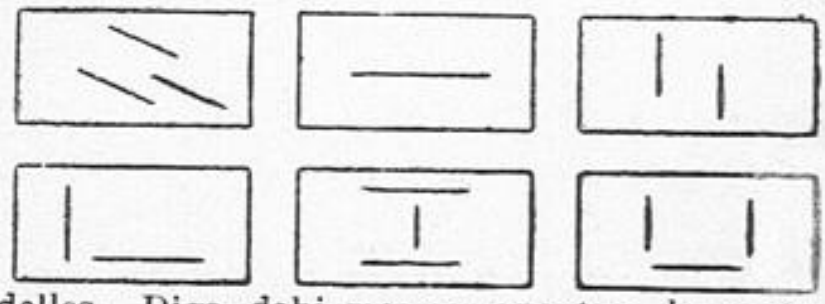
1º) Mostre-me *um* caderno (dedo, bola, regua, livro, lapis, caderno, folha de papel, menino), *tres* dedos, *dois* livros.

2.º) — Tenho pedaços de giz na mão: diga-me quantos tenho (um, dois, tres).

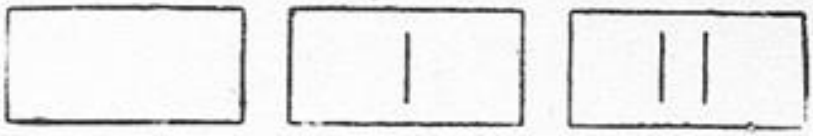
3º.) — Eis aqui alguns livros. Tome dois livros: que é preciso fazer para ter *um* livro? *tres* livros?

— Tome tres livros: que é preciso fazer para ter *tres*? *dois*?

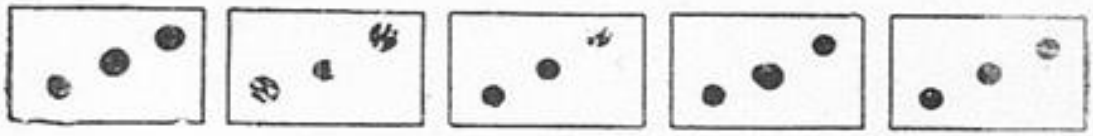
4.º)—Preguei no quadro alguns cartões em que ha algumas varinhas colladas. Venha dizer-me quantas varinhas ha sobre cada um delles. Diga dahi mesmo, quantas ha neste, quantas neste outro e quantas naquelle.



5.°) — Cada um destes cartões deve ter *duas* varinhas. Quantas faltam em cada um delles?



6.°) — Sobre cada cartão é preciso que haja tres bolinhas. Quantas ha sobre cada um? Quantas é necessario desenhar?



7°. Quantas cruzes é preciso apagar para que fiquem *duas*?

— Quantas é preciso apagar, para que fique *uma*?

— Para que fique *nada*?

COMO ENSINAR DE 4 A 6

Tiras de papel

1°. Observar estas tiras de papel. De que côr são ellas? Ha umas mais compridas do que outras? Todas têm o mesmo comprimento).

2 — Cada um pegue tres tiras e ponha sobre a carteira. (Verificar se pegaram de facto 3)

3 — Refazer com essas tres tiras os exercicios feitos na lição «Como ensinar até 3».

4 — Vejam um cartão em que ha 3 tiras. Vejam bem o que eu faço.

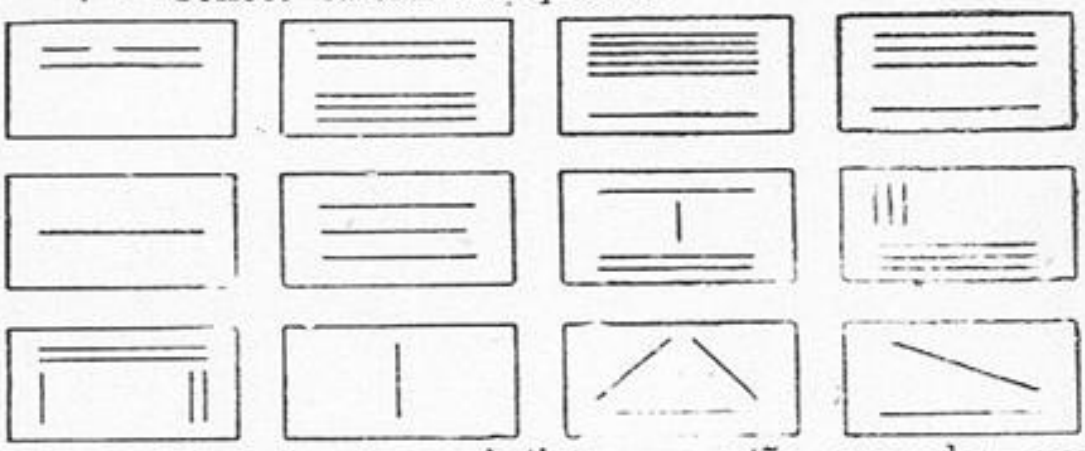
(Colla uma *quarta* tira): ha *quatro* tiras agora.

— Que é preciso fazer para ter 3 tiras, quando se têm 4?

5 — Comparar do mesmo modo 4 tiras com 2 tiras (2+2=4 e 4—2=2); 4 tiras com 1 tira (1+3=4 e 4—3=1).

6 — Estudar do mesmo modo grupos de 5 tiras e depois de 6 tiras.

7 —Colloco cartões no quadro:



1.º) Digam o numero de tiras que estão pregadas nesses cartões. 2.º) Desenhem um cartão com 4 tiras, com 2, com 5, etc.

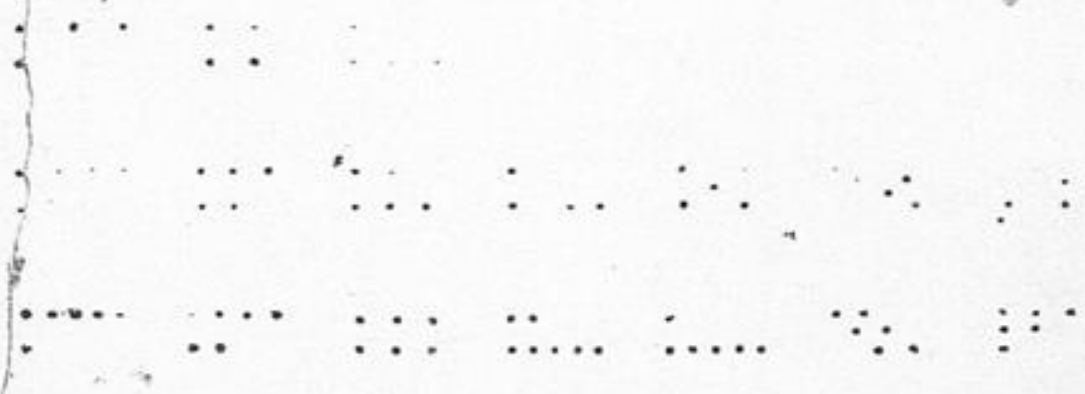
8 — Colloquem 4 tiras deante de vocês e dividam essas 4 tiras em grupos. (4 tiras correspondem a duas vezes duas tiras).

9 — Repitir o exercicio com 5 tiras, depois com 6 tiras ...6 tiras correspondem a *duas vezes tres tiras* ou a *tres vezes duas tiras*).

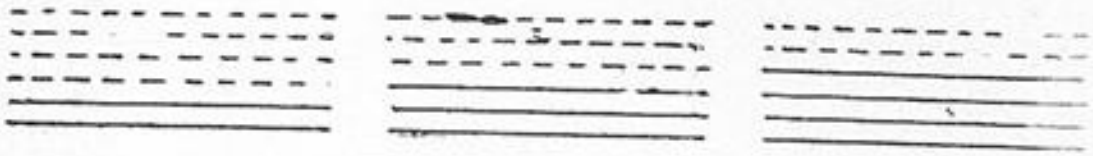
Desenho

1 — Tomem os cadernos e desenhem um ponto. Quantos terão se desenharem mais um ponto? (Até 6 pontos)

2 — Quantos pontos ha neste desenho? E neste? (Mostrar assim 4, 5 ou 6 pontos agrupados ou de qualquer maneira.)



3 — Façam tantos pauzinhos quanto eu. Quantos faltam para que tenham 4? 6? 5? (repitamos: 2 pauzinhos e 2 pauzinhos e 4 pauzinhos; 2 p. e 3 p. fazem 5 pauzinhos; 2 p. e 4 p fazem 6 p; 3 p. e 1 p. fazem 4 p.; etc.



4 — Fazer resolver com o auxilio do desenho, algumas pequenas questões que accarretem uma pequena addição de uma pequena subtracção entre os numeros esperados.

H. COHEN E R. FLANTZ

O TRABALHO DAS FERIAS

Queremos recommendar calorosamente aos professores que syndiquem, com cuidado, o que foram as ferias de seus alumnos, quaes as experiencias, as aventuras, os passeios, as visitas, as construcções, os jogos e brinquedos que fizeram, durante os dois mêses em que andaram fóra da escola. Fóra da escola? Não: dentro de outra escola, que é a de seu pequeno mundo, onde veem tantas coisas, ouvem tantas licções e fazem tantas experiencias, fecundissimamente...

Nas ferias os meninos apenas mudam de escola...

Na observação da natureza, no convivio com os seus companheiros, na livre actividade em que vivem, podendo construir, imaginar, fazer e desfazer á vontade, elles aprendem, do modo mais interessante, uma grande multidão de factos e coisas, muito mais uteis, para a sua vida, que a maior parte da verbiagem das aulas.

Syndiquem os professores o que fizeram os seus alumnos e aproveitem-se bem, nestes primeiros dias de aula, das experiencias e das contribuições de seus alumnos para sobre ellas basearem as suas licções. Trata-se de um material opulento e excellente, que tem todas as virtudes para um ensino fecundo, porque recolhido pelas crianças, pelo seu interesse, pela sua solicitude, e, por isso mesmo, de accordo com a sua mentalidade e facilmente incorporavel á sua vida.

Um viajou por terras longinguas, observou varias cidades e guardou-lhes os traços caracteristicos. Outro visitou uma fazenda e della colheu um punhado de impressões. Outros um lago, uma montanha, o mercado, o par-

que, um pic-nic, uma festa religiosa, um circo, uma partida de jogo, uma sessão de theatro ou de cinema. Tal contará as travessuras que fez, as historias que ouviu, os livros que leu. Finalmente, não ha criança que não tenha uma coisa que contar, depois de alguns minutos de cansada peregrinação, dentro de poucos metros do mundo...

Fizeram muitas coisas, ouviram muitas coisas, viram mais do que todos de casa. E que se hade fazer de tudo isso que ouviram, viram e fizeram?

Eis uma bella pagina de Anatole France em que se contem, além de uma verdadeira licção de psychologia infantil, a resposta á nossa pergunta:

"A idéa de vêr de novo os camaradas fazia voltar a alegria em seu coração. Tinha tantas coisas para contar e ouvir!

Pois não era justo que soubesse se de facto Laboriette havia caçado na floresta de "L'Aigle"? Não era justo que lhe respondesse que elle havia montado a cavallo nas montanhas de Auvergne? Quem faz uma coisa destas por certo não a faz para mantê-la escondida. Além disso, é tão bom encontrar de novo os camaradas!"

Perfeitamente. Quem faz coisas que as crianças fizeram---tem desejo de exibi-las, gosta de contá-las a toda a gente e orgulhar-se de que os outros por ellas se interessem.

Cabe aos professores a tarefa de recolher, com paciencia, esse curioso material didactico e tirar delle todas as vantagens e utilidades possiveis. Ha basto material para a geographia, quer ouvindo as que correram varias cidades, quer as que apenas se debruçaram numa ponte a vêr um rio, quer as que folhearam algumas revistas e observaram algumas gravuras, ou construiram accidentes num canto do quintal. Assim, a arithmetica, as lições de coisas, a historia, o desenho, o canto...

Mas, principalmente, não ha melhor material do que esse para o ensino da linguagem. Aproveitem-se desse inte-

resse intenso e profundo e facilite-se-lhes a tagarellagem, dando-lhes ensejo para contar, pormenorizadamente, as travessuras e aventuras, narrando ou escrevendo. Façam afinal com que não haja interrupção entre a vida fecunda e agitada que viveram e deixaram lá fóra—e a escola, antigamente tão aspera e inefficiente. E convençam-se de que somente quando a escola der opportunidades á livre expansão das crianças e somente quando a escola copiar e aprimorar os processos naturaes de aprendizado com que as crianças aprendem na vida—é que será verdadeira escola.

Façam, portanto, todos os esforços no sentido de se aproveitarem as experiencias das ferias e não deixem esse material desapparecer, sem que as crianças o registrem em seus cadernos, sob todas as fórmas possiveis.

Insistimos: primeiro agir, depois contar o que fizeram e como fizeram.

Ora, em dois mêses de ferias, muitos ensejos se lhes depararam para vêr, ouvir, sentir, agir, "viver". Aprenderam muito e muito recolheram atravéz das portas de seus sentidos. Veem cheios de novidades e com a ansia natural de transmittir a seu pequeno mundo—as suas impressões.

Lancem mão os professores dessa opulencia de motivos e consagrem dias e dias a recolher e registrar todas as experiencias, tagarellando com as crianças, rindo com ellas, interessando-se por ellas, apprehendendo-lhes a psychologia, as differenças individuaes, o meio em que vivem, o nivel da familia, os interesses, as predilecções, os instinctos infantis.

Tal material é excellente, mas sobretudo para o ensino da linguagem, notamos acima e com razão. Não ha maior absurdo do que obrigar as crianças a traçarem composições sobre coisas de que nunca recolheram noticias e experiencias. Só acontecimentos, em que foram

parte ou que testemunharam, só coisas que fizeram, só trechos de vida que viveram — é que ellas podem dizer e escrever.

Nunca é demais insistir sobre a distincção feita por Dewey, tão elementar e evidente e, todavia, tão esquecida: não ha confundir entre "ter que dizer alguma coisa" e "ter alguma coisa para dizer". Os professores querem que as crianças digam e escrevam alguma coisa, que muitas vezes é coisa alguma. Não veem nem comprehendem que, para dizerem e escreverem alguma coisa, é necessario que adquiram anteriormente essa alguma coisa.

Pois bem: alguma coisa e muita coisa adquirem os alumnos nas ferias. Façam-nos dizer, falando e escrevendo, e terão praticado os melhores exercicios de linguagem do anno...

O CARTÃO POSTAL NO ENSINO DE GEOGRAPHIA

Quereis promover, por todos os modos, o adeantamento de vossos alumnos na aula de geographia? A's recommendações dos livros e dos mestres experimentados ajuntae mais esta: collecionae e fazei colleccionar cartões postaes.

Haverá quem ache isso frivolo, quem sorria disso. Mas a verdade é que não ha outro methodo para ensinar geographia no curso primario, senão o intuitivo.

E que é o ensino intuitivo senão o ensino pela vista, pela imagem? Tenhamos, pois, alguma consideração por essas bonitas e suggestivas gravuras, que nos orgulhavamos de colleccionar, quando crianças e que agora devemos utilizar para que as crianças aprendam melhor e mais suavemente essa sciencia calumniada que é a geographia.

Antigamente, bom alumno era o que sabia a superficie de todos os paizes do mundo (a China inclusive), a população, clima, aspecto physico, cidades e productos principaes, tudo muito direitinho e sem corresponder a nenhuma realidade perceptivel. Sabia-se o numero de chinezes existentes, mas poucos tinham visto um chinez e não se fazia a menor idéa do que fosse a China. Hoje, será bom o alumno que, não se preoccupando muito com a estatistica exacta desses estimaveis habitantes do planeta, possa contar-nos, com desembaraço, alguma coisa sobre a vida que é a delles, numa terra tão differente da nossa, no seu pittoresco e tambem na sua humildade quotidiana. Este sabe mais sobre a China do que o outro.

— Mas nenhum delles foi lá.

— O segundo foi. Foi em pensamento, foi com os olhos, que se detiveram sobre uma porção de gravuras interessantes, de postaes que nos mostram os homens de olhar obliquo e vestes multicoloridas, comendo arroz com uns pauzinhos exquisitos, as ruas sujas e estreitas das cidades que são formigueiros humanos, os barcos indolentes dos mandarins des-

cendo os canaes... O livro nem sempre é illustrado, ou só o é com figurinhas pouco nitidas e pouco curiosas. O cartão postal, que se carrega no bolso e se collecciona como se fosse um sello ou um nickel, prende muito mais os olhos indagadores do alumno.

Colleccionae esses postaes. Elles terão um logar bem visivel e bem honroso no museu geographico que, mais cedo ou mais tarde, a vossa escola abrigará. E collecionar não é só ajuntar, encher as gavetas e os albuns de coisas inuteis ou desgraciosas. E', tambem, seleccionar. Deveis escolher esses postaes, eliminando da serie aquelles que não disserem nada de novo á imaginação infantil.

A photographia de um jardim pode ser interessante, mas a de um rio no seu ponto de juncção com outro, a de uma ilha que se vê claramente emergir do lençol de agua, enfim toda illustração que nos auxilie a firmar o conceito de um accidente physico qualquer, será muito mais util. E portanto mais recommendavel.

Collecionae-os com espirito educativo. Não ireis simplesmente divertir as creanças, satisfazendo-lhes o ingenuo desejo, tão nosso conhecido de «ver figura» Não. Cada figura deve representar alguma coisa que se relacione com o objecto da licção, e de, qualquer modo, enriquecer os conhecimentos do alumno.

Fazei com que elles tambem as colleccionem. As donas de casa costumam dizer que, com a moda dos quadros de centros de interesse, não ha revista illustrada que se conserve intacta: a tesoura infatigavel recorta figuras e figuras... Emquanto as tesouras descansam, a criança poderá entreter correspondencia com amizades de outra cidade e até de outro paiz, que lhe serão uteis a mais de um respeito, inclusive este de augmentar a collecção.

Podem fazer-se permutas, pode estabelecer-se um intercambio activo, realizar-se, enfim, um pequeno e louvavel commercio, que instrue e diverte.

E não só ajuntar o material já feito: fazel-o tambem. Que cada alumno desenhe, da melhor maneira possivel, o seu postal.

O assumpto desse cartão será, necessariamente, pedido ao meio que lhe é familiar. Desenhará a montanha que domina a cidade, o adro da igreja com o seu cruzeiro ou o

seu monumento, o riosinho sereno que escorre á beira das casinhas brancas e iguaes. Ou, se fôr arrojado, desenhará o Pão de Assucar, uma paisagem alpina, o Arco do Triumpho, as pyramides. Dessa maneira teremos dois proveitos: quanto á geographia e quanto ao desenho.

E que o professor saiba tirar partido de tudo isso, tornando a aula de geographia a mais viva, animada e pittoresca de todas as aulas. Os cartões postaes são um simples elemento para a consecução desse objectivo; mas que elemento, por minimo que seja, deveremos desprezar?

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

HERVAS, ARBUSTOS E ARVORES

(Capitulo do livro "Science and plants life")

Todos que têm occasião de cultivar plantas precisam conhecer alguma cousa a respeito da duração da vida das plantas por que se interessam e, tambem, quando ellas têm caules herbaceos ou lenhosos. Por exemplo, supponha-se que um fazendeiro deseje determinar quando será mais proficuo plantar trevo doce ou alfafa em certo terreno.

Antes de plantar qualquer dessas forragens, elle deveria saber que uma dellas é biennal e a outra é perennal, porque todos os seus planos de assegurar a colheita dependerão desse conhecimento.

Ora, supponha-se que outra pessôa deseje ter uma sebe permanente de plantas florescentes em torno de sua relva para interceptar a vista de alguns terrenos ou construcções pouco agradaveis. Elle pode escolher prudentemente, dentre centenas de plantas arroladas em seus catalogos de sementes, só depois de obter uma informação completa sobre a longevidade das plantas e tambem sobre si se trata de hervas, de arbustos ou de arvores. Uma comprehensão clara da classificação das plantas, baseada na duração da vida dellas, da sua lenhosidade e da sua tendencia a formarem grossos troncos singulares ou uma porção de ramos, é vantajosa tambem no estudo da estructura e da formação dos troncos.

Longevidade das plantas

As plantas differem grandemente na duração de sua vida. Para indicar a duração dos periodos naturaes da vida, applicam-se commummente ás plantas as denominações de «annuaes», «biennaes» e «perennaes».

Importa que essas denominações sejam entendidas claramente antes que o assumpto dos tecidos e as suas disposi-

ções nos troncos sejam tomados em consideração, porque em cada uma dessas classes de duração de vida certos caracteristicos são associados á forma e ao desenvolvimento dos caules.

Annuaes

A maior parte das nossas plantas de jardim e campos de forragem se originaram de sementes no inicio da primavera. As sementes germinam; as raizes e grelos desenvolvem-se, e durante o verão ou o outomno se produzem flores, fructos e sementes novas que contêm o embryão de outra especie de plantas. Então as plantas morrem.

O periodo comprehendido entre a germinação da semente e a sua producção é chamado «o periodo da vida». Se elle se completa dentro de uma só estação de crescimento, a planta é chamada «annual» (latim: annus, anno). O milho, a alface, os rabanetes, as favas, as aboboras meninas, etc. são plantas annuaes familiares.

Biennaes

Durante a primeira estação algumas plantas desenvolvem apenas folhas e raizes e um caule muito curto.

A raiz é ordinariamente grossa e accumula grande quantidade de alimento.

Na segunda estação, o crescimento é renovado, e ahi se desenvolve um caule superior com folhas, flores, fructos e sementes. Essas plantas que ultrapassam uma estação de inverno durante o seu desenvolvimento, e cujo periodo de vida inclue duas differentes estações de crescimento, são chamadas «biennaes» (Latim: «biennium», espaço de dois annos).

As sementes de alguns joios, como a bolsa do pastor, a orelha de urso, a alface agreste, germinam em Agosto e Setembro, e uma pequena roseta de folhas se forma rente do solo. O alimento se accumula nas raizes até á vinda do inverno.

Na primavera seguinte as plantas tomam rapido desenvolvimento, e durante o verão já ellas teem florido, produzido sementes e morrido. Apesar de sua vida inteira terminar dentro de um periodo de doze meses, essas plantas são «biennaes», porque o seu periodo de vida abrange partes de duas estações vegetativas.

O termo «annual ou biennal» applicado ás plantas não deve, pois, implicar uma duração definida de vida em mezes.

O trigo pobe crescer tanto annualmente como biennalmente, dependendo da circumstancia de ser plantado na primavera ou no inverno. A bolsa do pastor e a alface agreste só vivem como «annuaes» na natureza.

As plantas biennaes mais communs são as favas, as cenouras, os nabos, os rabanetes e as couves. Nos quatro primeiros, grande quantidade de alimentos se accumulam nas raizes; na couve, o alimento é armazenado no enorme botão terminal, a «cabeça». Essas reservas de alimento são utilizadas na producção de alimentos no anno seguinte.

Ordinariamente as plantas biennaes e annuaes são hervas.

Tanto as biennaes como as annuaes são relativamente pequenas em tamanho e morrem depois de produzir flores e sementes.

Perennaes

Perennaes (Latim: *perennis*, durando através do anno, são plantas que vivem um certo numero de annos. Algumas dellas, (certos capins por exemplo) produzem sementes durante o primeiro anno e os seguintes. Outras plantas perennaes, como a alfafa, formam sementes no fim da segunda estação e das seguintes: As arvores e arbustos requerem ordinariamente muitas estações antes que as sementes sejam produzidas. As plantas seculares dos nossos desertos sudestinos se desenvolvem vegetativamente durante 25 ou 30 annos antes de produzir ramos floridos e sementes. Então ella procede como uma planta annual ou biennal, porquanto logo que as sementes estão maduras toda a planta morre. Isso chama a nossa attenção para o facto interessante de que nas annuaes, nas biennaes e em algumas poucas perennaes, não ha um periodo bem marcado de senilidade e de velhice.

Ellas morrem subitamente na maturidade, immediatamente depois de seu periodo de maior vigor. As arvores e os arbustos, pelo contrario, têm um periodo distincto de velhice, no qual os processos physiologicos diminuem gradualmente até que as plantas sucumbem ás molestias e ás condições desfavoraveis a que poderiam resistir na juventude.

AS PLANTAS PERENNAES CLASSIFICADAS DE ACCORDO COM AS PARTES PERSISTENTES

Todas as plantas perennaes ganham novas folhas, novos ramos e novas sementes cada anno; mas podem ser classificadas grosseiramente, de accordo com as partes que persistem de uma estação para a seguinte.

As arvores e os arbustos sempre verdes são perennaes em todas as partes do corpo da planta. As arvores e os arbustos deciduos são perennaes em seus caules e raizes.

Muitas plantas herbaceas perennaes, como os rabos de gato, as malvas dos brejos, as peonias, os trilliums e as bananas tem caules annuaes acima da terra, mas caules de raizes perennaes subterraneas. As batatas e a alcachofra de Jerusalém (uma especie de gira-sol) têm grossos caules perennaes (tuberculos) subterraneos.

As tulipas e os jacinthos têm caules perennaes (bulbos) subterraneos. Esses exemplos mostram que as plantas perennaes teem muitos meios differentes de atravessar as estações desfavoraveis, taes como o periodo do frio ou da secca. Parece não haver limite para a duração da vida de algumas hervas perennaes como os fetos, as maçãs de maio, o sello de Salomão e certos capins e hortelãs.

As partes mais velhas morrem cada anno e as partes novas se formam nas outras extremidades dos caules subterraneos. As plantas mudam rapidamente as suas situações, cada anno, pois uma das extremidades do caule cresce para deante e a outra morre definitivamente. Não ha razão apparente para que algumas plantas não vivam indefinidamente, talvez mais do que as arvores mais annosas; mas nem uma parte da planta vive longo tempo.

HERVAS, ARBUSTOS E ARVORES

Os arbustos, as arvores têm caules lenhosos. Os caules das hervas carecem de tecidos lenhosos.

As nossas plantas de jardim e de campo são todas herbaceas. Seus caules contêm tecidos não lenhosos; por isso, nos climas temperados, as partes acima do solo vivem apenas durante uma estação do crescimento.

A differença principal entre os arbustos e as arvores consiste no facto de que os arbustos desenvolvem numerosos

caules finos de uma só base acima do solo, ao passo que as arvores desenvolvem um só caule ou tronco. Esta distincção pode ser expressa de outra maneira dizendo-se que os arbustos deitam ramos subterraneos, ao passo que as arvores só deitam ramos acima da terra. Muitos arbustos têm menos de 10 pés de altura, mas alguns, como o sumagre, podem attingir a uma altura de 20 pés. Muitas arvores têm de 25 a 200 pés de altura, mas o eucalyptus da Australia e as sequoias gigantes da California têm mais de 300 pés de altura e os troncos massiços das ultimas podem ter mais de 30 pés de diametro.

Entretanto, a distincção entre as hervas, arbustos e arvores não é o tamanho. As plantas herbaceas, como o milho e o girasol, podem attingir a uma altura de mais de 15 pés, e a banana, a uma altura de 30 pés, ao passo que alguns arbustos têm apenas algumas pollegadas de altura; algumas das arvores anãs do Japão, que contam um seculo de existencia, têm menos de 5 pés de altura.

Plantas caracteristicas e a arte de produzir plantas

As differenças nos habitos do crescimento, de longevidade e os materiaes armazenados nas plantas têm levado á especialização aquelles que cultivam plantas. Por muitas razões evidentes a arte mais importante de cultivar plantas é a agricultura.

O fazendeiro lida evidentemente com hervas e, pela maior parte, com as annuaes, embora as biennaes e as perennaes possam ser cultivadas para colheitas de forragem. Elle se occupa principalmente das plantas que accumulam alimentos sob uma forma altamente concentrada.

O cultivo das arvores para formar florestas para producção de madeira de construcção, combustivel e pastos é do dominio da silvicultura. O silvicultor especializa-se naquellas arvores que accumulam cellulose sob o aspecto mais util.

A horticultura abrange uma classe mais vasta de plantas, mas na pratica actual um horticultor ordinariamente se especializa em plantas que têm habitos algum tanto semelhantes. O cultivo de arbustos e arvores productores de alimento representa uma divisão da horticultura. O objectivo da demonstração é a producção de fructos que contenham

stancias agradavelmente saborosas armazenadas nas cellulas com paredes de celiula as mais delgadas possivel.

O cultivador de vegetaes especializa-se em hervas annuaes e biennaes que accumulam não só alimento com sabor, e, em menor extensão, em hervas perennaes como o espargo e o rhuibarbo.

A floricultura lida com uma classe de plantas e, por isso, tem em vista a producção de flores e folhagens attrahentes. Ella assume a mais alta importancia na architectura da paisagem, em que massiços de vegetação são arranjados para alindarem a perspectiv .

EDGAR NELSON TRANSEAU

(Professor da Universidade de Ohio, U. S. A.)

O ENSINO PRIMARIO NO DISTRICTO FEDERAL

(Impresões de uma professora mineira)

Sendo a escola "Rodrigues Alves" considerada uma das mais adeantadas do Districto Federal, lá me apresentei para colher dados que nos pudessem ser uteis.

De facto, foi ella a primeira que se interessou pelos novos methodos e os poz em pratica.

As professoras, na maioria, acreditam no seu bom exito e o tempo o ha de confirmar. Existe sempre, porem, o velho preconceito de que a disciplina tenha sido attingida e que isto prejudique o ensino; comtudo, esta indisciplina é apenas apparente. Extrahi de um jornal, a "Escola Nova", que se publica por iniciativa da escola "Rodrigues Alves" com a collaboração de professores de diversas escolas, a seguinte nota, que precisa bem a questão: "A escola nova não é contra a disciplina, senão contra a disciplina antiga, em que as creanças, sentadinhas nos bancos, só tinham dois direitos: responder quando lhes perguntassem (mas nunca perguntar)e cochilar em paz, emquanto os outros respondiam.

Isto dá silencio a classe, mas não dá disciplina. Dá obediencia de escravo, e não obediencia de homem livre. A escola nova é a favor da vivacidade, da actividade; é a vida pela vida. E' a vida cantando na sua alegria. Viver não é dormir na classe: é pensar, é agitar-se, é luctar. A disciplina que se deseja para a escola primaria é a que vem do proprio trabalho e não da indolencia. E' a disciplina espontanea das fabricas bem organizadas, em que cada operario tem a sua occupação.

Na escola "Bezerra de Menezes", como fizesse uma observação sobre a disciplina das classes, a directora explicou-me que, no começo, luctara com algumas difficuldades, mas que as creanças se habituram á independencia de acção, conseguindo-se desenvolver a actividade das mesmas, naturalmente, e sem bulha.

Tive occasião de assistir a diversas aulas na escola "Rodrigues Alves". Os testes são dados como exercicios: apresental-os-ei no correr deste trabalho.

Na primeira visita, assisti, no pateo, á dramatização de uma aula de geographia: Rios do Brasil, por alumnos de quarto e quinto anno O mappa do Brasil, tendo, entre norte e sul, 7 metros, mais ou menos, foi traçado pelos alumnos. Os rios foram representados por tiras de papel. Um alumno explicou o que se ia realizar; depois, entraram os que representavam as serras divisoras de vertentes, com os respectivos nomes numa tira collocada em volta da cabeça. Em seguida, vieram os rios; perto do Amazonas, algumas meninas caracterizadas de Victoria Regia, Castanheira, Seringueira...

No S. Francisco, a alumna que representava a cachoeira de Paulo Affonso recitou o poema de Castro Alves, e, opportunamente, foram ditos: "O Amazonas", de J. G. Magalhães; "O caçador de esmeraldas", de Bilac; "Victoria Regia", de Presciliana D. Almeida.

Algumas creanças representavam embarcações, outras cannaviaes, outras, usinas assucareiras. Perto do Paquequer estavam Pery, Cecy, Carlos Gomes e Alencar. Disseram-se versos a proposito; depois, todos os alumnos cantaram um trecho do "Guarany" e retiram-se marchando.

Para fixar conhecimentos, este processo é admiravel. Os alumnos recebem uma noção exacta da collocação das serras, rios, travam conhecimento com autores brasileiros, difficilmente poderão fazer confusão.

Visitei um pequenino museu, que está sendo organizado pelos proprios alumnos.

Os centros de interesse para as lições são determinados com antecedencia, por semana ou quinzena.

Uma occasião em que fui a uma classe de quinto anno, o centro de interesse era o milho. Todas as lições giravam em torno do milho; havia, nas paredes, photographias trazidas de casa, apanhadas em revistas, representando espigas de milho, a colheita de milho, animaes que se alimentam de milho, etc...

De outra vez — o café: seu historico, sua chegada ao Brasil, os mappas, a viagem; o café chegando a Cayena. Preso á parede, um galho de café, desenho do mesmo em folhas de papel

Problemas, calculos com grãos de café, etc. Não havia tempo determinado para esta ou aquella materia: os assumptos vinham naturalmente, encadeando-se um aos outros.

Na semana do «combate á tuberculose», o codigo da prophylaxia da tuberculose, feito pelos alumnos. Sacolas hygienicas tambem preparadas por elles, com diversas divisões para merenda, para escova de dentes, toalha, copo, sa-

bonete. Os alumnos compraram o sello da tuberculose. Redacção sobre a tuberculose, exposição de quadros sobre hygiene. Escripta: uma phrase sobre a transmissão da tuberculose. Alimentação de pessoas fracas. Pude apreciar desenhos interessantes, taes como: uma mesa com um copo de leite e ovos em cima, e uma menina preparando-se para pequena refeição. Outro: um menino cuspindo da janella para a rua e em baixo o guarda reclamando. Outro: dois companheiros, um cuspindo no soalho, o outro exclamando: "E' falta de educação", e assim por deante.

Num caderno de calculo de 1º anno, foram dadas provas de testes. Os alumnos deviam formar a taboada de multiplicar, partindo de exemplos: um pintinho tem 2 pés: $1 \times 2 = 2$. 2 pintinhos tem 4 pés: $2 \times 2 = 4$. 3 tem 6 pés: $3 \times 2 = 6$.

Num caderno de linguagem, os alumnos completavam sentença começadas pela professora.

Leitura por sentenciação — As phrases lidas no quadro foram copiadas em folhas, pelos alumnos, e essas folhas, colleccionadas em caderno, formaram, assim, o seu livro de leitura.

Outra prova que vi consistiu em se dividirem 6 flores em uma, duas, tres jarras. As jarras e as flores foram desenhadas e coloridas pelos pequenos.

Curiosa, a idéa de uma professora que mandou os alumnos fazerem folhinhas e procurava em cada mez o centro de interesse para as lições. Em outra, ainda, com tres retangulos, o alumno poria em cada um cinco bolinhas e depois daria o total.

A leitura silenciosa é seguida de um exercicio de testes — são distribuidas folhas de papel com pequenas perguntas a respeito da leitura.

O inspector do 8º. districto, dr. Alvaro Rodrigues, tem desenvolvido muito a applicação de testes. Na escola "Epitacio Pessoa", examinei os graphicos de resultado de testes trimestralmente applicados em todas as escolas do districto, de accordo com o desenrolar do programma. Ha uma professora encarregada de organizal-os, e que se dedica inteiramente aos testes. No momento da applicação, são nomeadas as fiscaes — duas professoras de uma escola para outra, segundo designação. Estas são encarregadas das correcções e prestam conta do resultado ao inspector, fazendo nessa mesma occasião os graphicos.

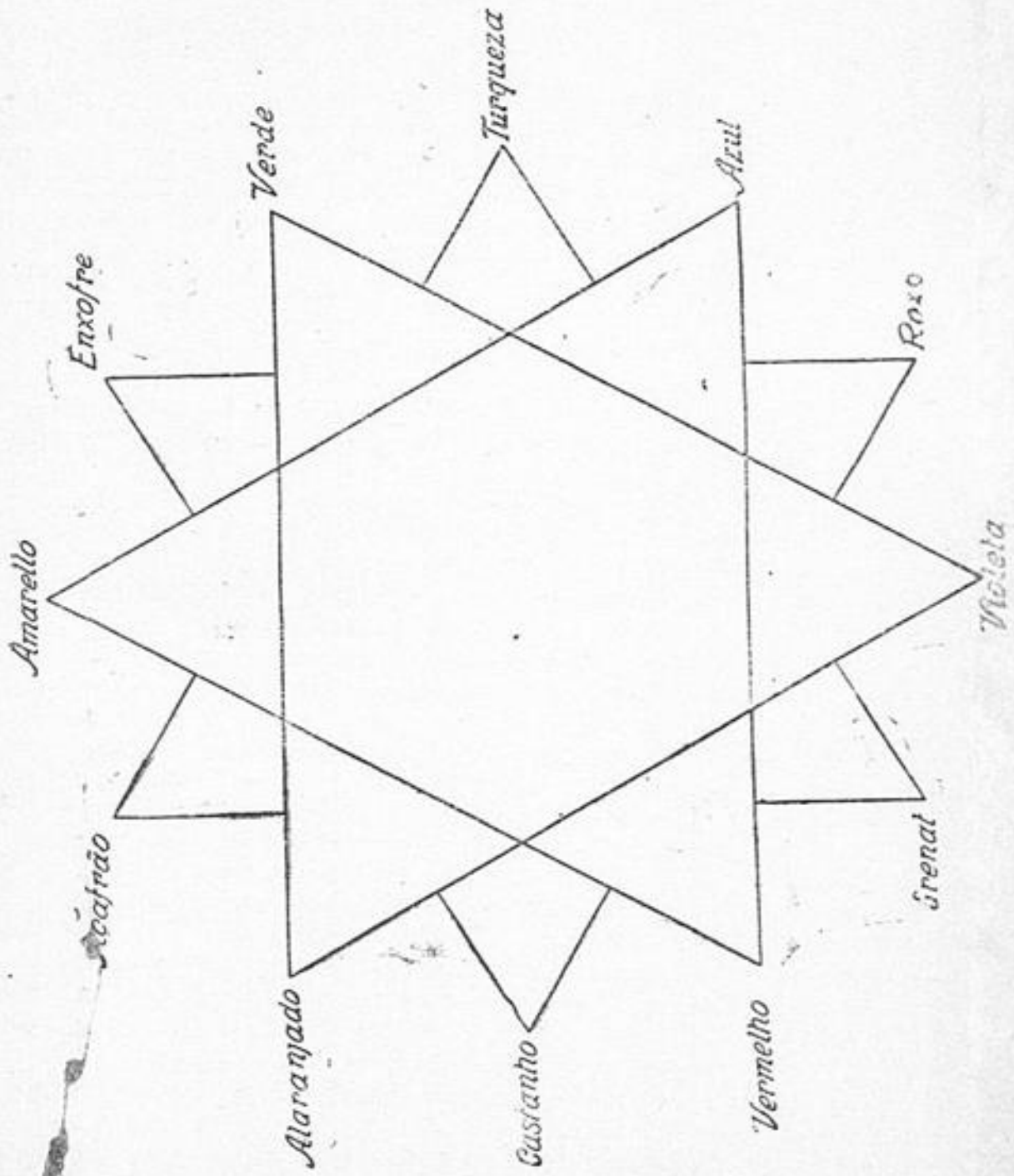
Ha um interesse particular pelos testes de desenho. O inspector conseguiu, mesmo, um curso de desenho e modelagem na Escola de Bellas Artes, para as professoras

do 8º. districto. Fornece sempre orientação ás professoras sobre as diversas materias do ensino. Como exemplo, lembrarei o seguinte:

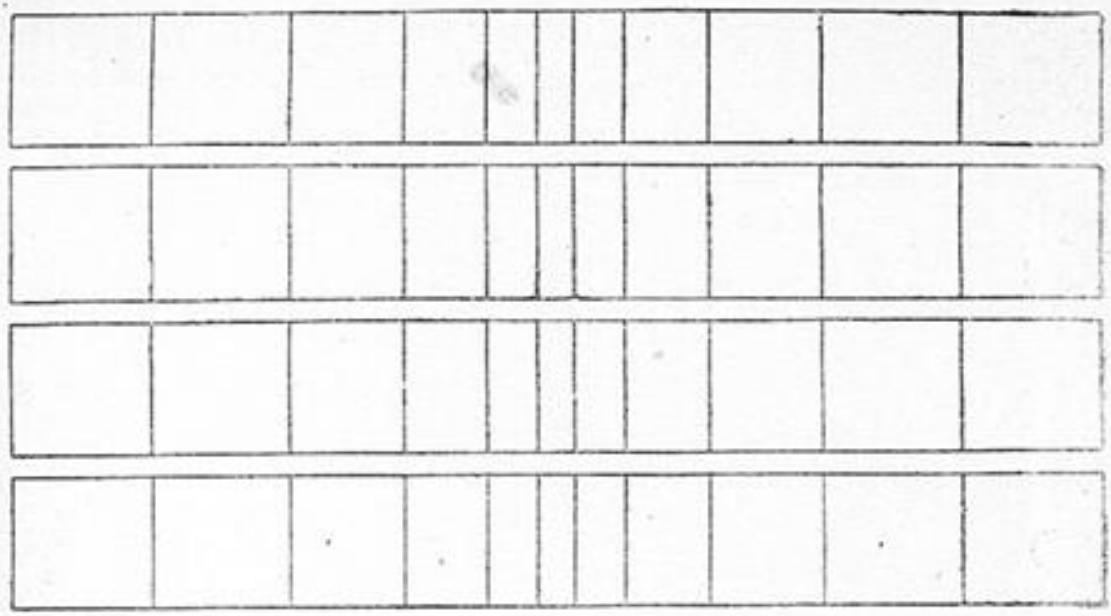
Orientação sobre cores.

A COR

Rosa das cores



GAMMA OU ESCALA DE TONS



A CÔR

Côres binarias: *vermelho, amarello e azul.*

Misturadas duas a duas, essas côres dão origem a tres outras:

Côres binarias

alaranjado { vermelho e amarello ; roxo { vermelho e azul ; verde { amarello e azul

Sendo a côr branca, em theoria, o resultado da mistura das tres côres primitivas, chama-se côr complementar *áquella que falta na composição binaria para produzir o branco.*

do alaranjado azul; Côr complementar | *Complem. do roxo: amarello. Complem. do verde: vermelho.*

A côr complementar possue a propriedade de exaltar a côr binaria de que é complemento, quando collocada ao lado desta.

O vermelho, o alaranjado, o amarello e o verde são côres luminosas ou quentes. São sombrias ou frias: o roxo e o azul.

Pode-se modificar qualquer dessas côres pela addição de uma, duas, tres, etc., partes de negro ou de branco ou agua na aquarella.

Essas modificações são as tonalidades da côr. Tonalidades escuras ou fortes no primeiro caso; claras ou fracas no segundo.

Gamma *de uma côr é uma escala, ou uma serie de tons desta côr que vae do mais fraco ou claro ao mais forte ou escuro.*

No quadro annexo ha quatro exemplos obtidos pela addição de agua e negro, occupando a côr natural o centro da gamma.

Partindo da côr natural obtiveram-se os tons claros addicionando uma parte, duas, tres, quatro, etc., de agua para uma parte da côr; da mesma maneira para os tons escuros, com a addição do negro.

Obtem-se a nuance *de uma côr misturando-a com outra côr. A nuance será da côr que entrar em maior quantidade.*

ROSA CHROMATICA

Fornecida em annexo, foi desenhada a Rosa chromatica, que servirá para indicar por um simples golpe de vista a côr complementar de outra, entre as primarias, binarias e algumas ternarias nella representadas. Num circulo dividido em doze partes eguaes, os pontos de divisão servem de vertices para quatro triangulos inscriptos. O primeiro triangulo indica as côres primarias, o segundo as tres binarias e os dois outros seis composições ternarias das mais importantes.

Partindo do vermelho, encontram-se na Rosa chromatica as seguintes côres: purpura, roxo, indigo, azul, turqueza,

verde, enxofre, amarello, açafrão, alaranjado e vermelho alaranjado ou castanho, dispostas de sorte que o vertice opposto a qualquer uma dellas indica a sua côr complementar. Por exemplo, o verde está no vertice opposto ao seu complemento, que é o vermelho.

GAMMA OU ESCALA DE TONS

A titulo de exemplo, foram desenhadas no annexo quatro escalas ou gammas.

Ha leis que harmonizam as côres por analogia ou por contraste.

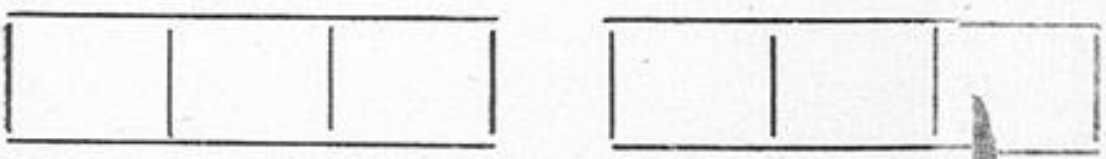
Por analogia *as côres se harmonizam pela pequena variação de tom e por ligeiras nuances da mesma côr.*

A harmonia pelo contraste *obtem-se pela opposição de tons claros e tons escuros dentro de uma só côr, ou pelas grandes nuances que cada uma apresenta.*

Os exemplos indicados aqui, para serem ministrados aos alumnos, tornam sensiveis essas duas especies de harmonia.

O primeiro, em A, é o da harmonia pelo contraste, utilizando-se as côres complementares.

O outro, em B, é o da harmonia por analogia, obtida por meio de tom sobre tom na côr azul, isto é, associações de tons azues.



GENERALIDADES SOBRE O EMPREGO DAS CÔRES

a) E' mais facil procurar harmonias por analogias do que pelo contraste.

b) Duas côres empregadas nas escalas claras harmonizam-se mais facilmente do que escalas escuras.

c) A côr complementar é superior a qualquer outra, numa composição decorativa em que haja harmonia pelo contraste.

d) Todas as nuances sobre fundo preto são mais bellas e mais vivas do que sobre fundo branco.

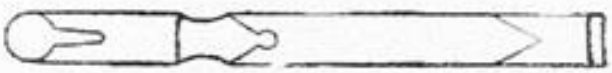
Na escola "Bezerra de Menezes", pude apreciar diversos trabalhos de modelagem: mappas da America, do Brasil, fructas, barcos, etc. Estes modelos de trabalhos, que junto ao meu relatorio de hoje, vi-os executados com capricho:

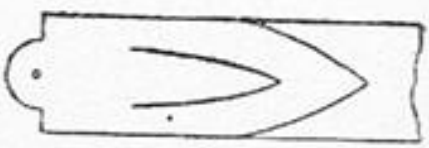
SLOYD

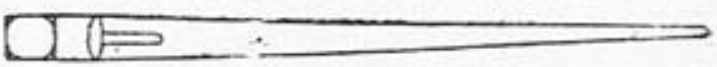
Trabalhos em madeira

1.ª Serie

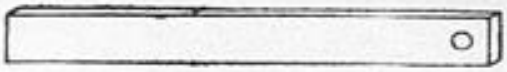
3.º anno

1.º—Escapula 

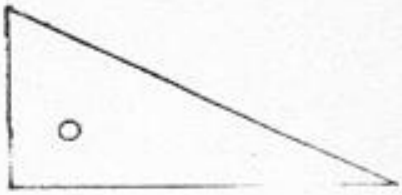
2.º—Marcador de paginas 

3.º—Caneta 

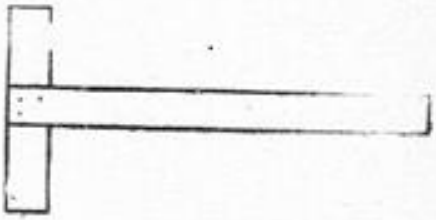
4.°—Regua



5.°—Esquadro



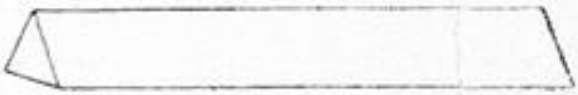
6.°—Regua T



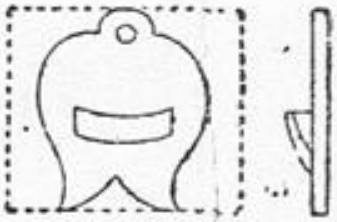
2.ª Serie

4.° anno

1 °—Descanso para livros

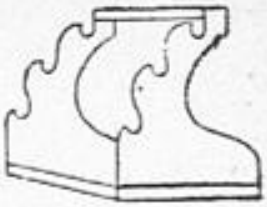


2 °—Porta cartões

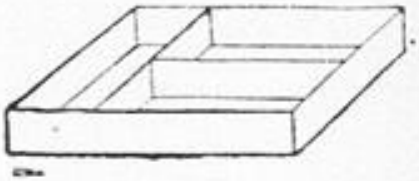


3.°—Supporte para folhinha

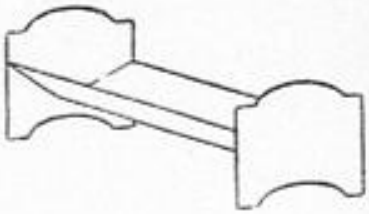
4.º—Supporte para canetas



5.º—Caixa para papel



6.º—Estante para livros

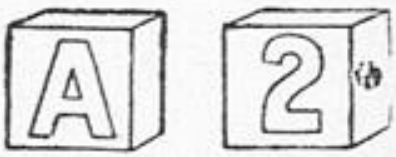


3.ª Serie

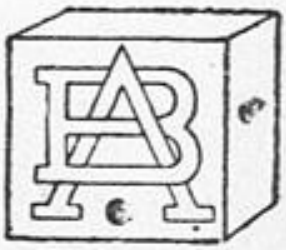
Esculptura em madeira

5.º anno

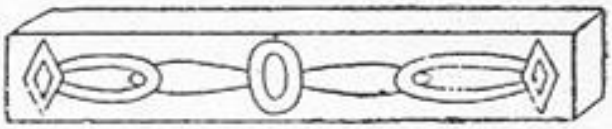
1.º—Letras



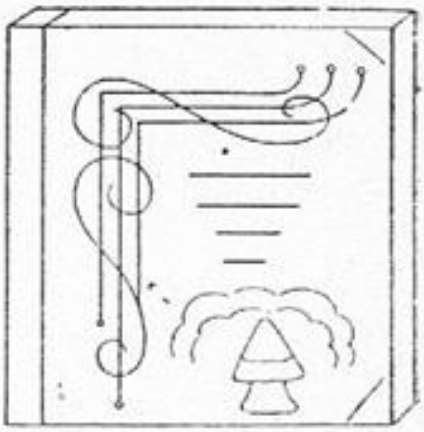
2.º—Monogrammas



3.°—Vinhetas



4.°—Exo. decorativo



A seguir uma serie de brinquedos para o 3.°, 4.° e 5.° anno.

Os trabalhos de recorte são curiosissimos — Bandeiras do Brasil, do Imperio e da Republica, escudo do Districto Federal, etc., tendo essa Escola do 8º districto, o mesmo genero de testes da escola «Epitacio».

Alem dos testes organisados por professora especialista no assumpto, o inspector obriga as professoras a organizarem e applicarem nas proprias classes provas de testes; apresentados depois os graphicos, as alumnas que obtiveram media muito elevada são submettidas, pelo Inspector, a uma prova de verificação. Sendo esta negativa, deduz-se que da 1.ª vez houve auxilio da professora.

Ha muitas professoras que descrêm dos testes, acham os resultados falhos, pois que encontram muitas vezes alumnos preparados, intelligentes, que fazem provas fraquissimas, e vice-versa.

Seguem-se duas copias de graphicos de turmas de 3º anno:

Frequencia do dia — 28 alumnos

Maximo de pontos — 2250

Pontos obtidos — 832
Percentagem total — 53,01 %
Professora da turma — Maria de Souza da C. e Sá
Fiscal — Orlandina M. Ludof
Directora —
Arithmetica — %
Geographia 11,60 %
Sciencias, historia e geometria 26,02%
Historia — 41,18%
Instrucção civica — 64,79%
Portuguez — 35,85%
Desenho — 70%

E' de notar-se que a percentagem em arithmetica foi %. Indagando a causa do facto, tive interessante explicação: no programma antigo, entrava, na parte de arithmetica, a noção de alqueire, e como estava para ser officializado o programma novo, em que já não entraria a mesma lição, a professora achou inutil transmittil-a ás creanças. Aconteceu que os testes de arithmetica, organizados fóra, giravam em torno da noção de alqueire, com problemas, etc.

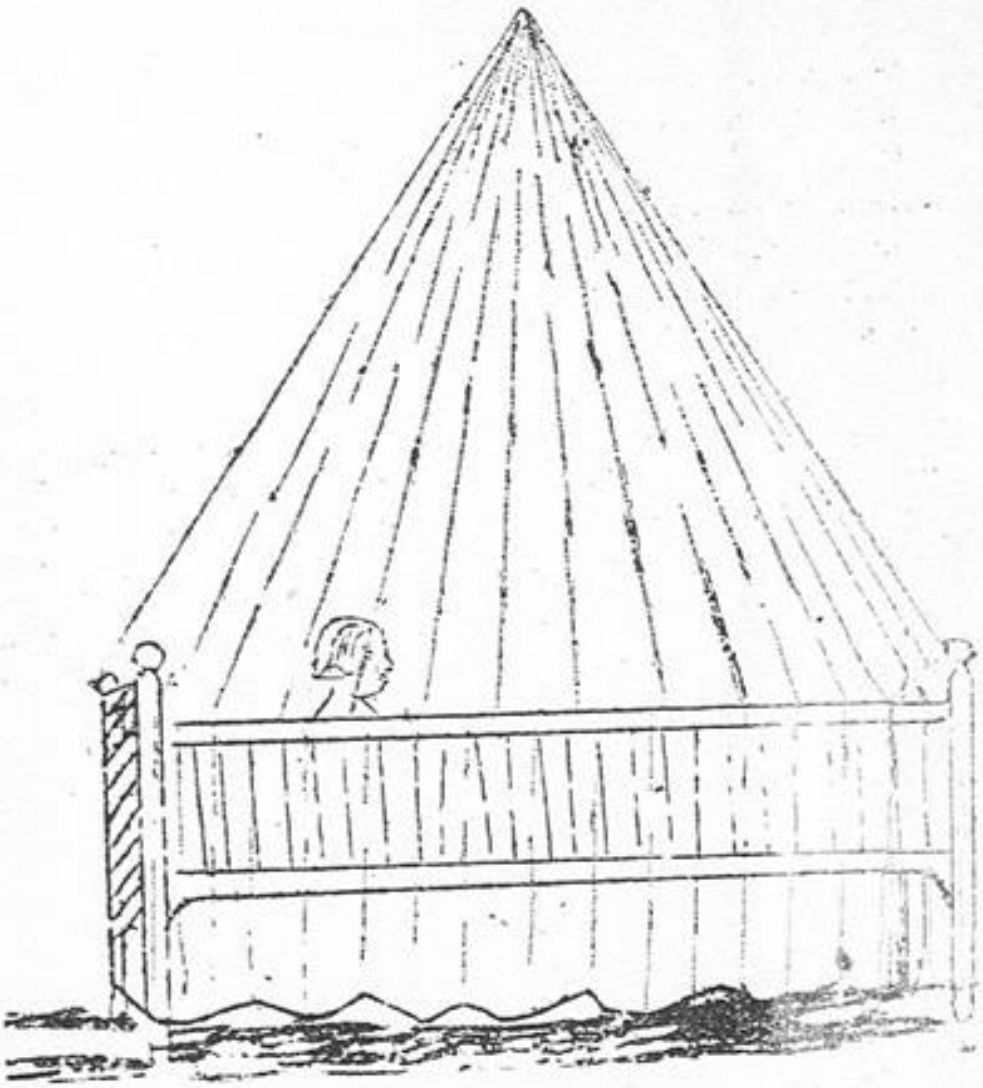
E de facto, nos graphicos de outra turma de 5º anno, a percentagem de arithmetica foi de 20%. Nas outras materias, já não são tão sensiveis os resultados.

Eis a copia 9:
Professora — M. Augusta Figueira de Mattos.
Fiscal — Orlandina M. Ludof.
Arithmetica — 20,66%
Geographia — 33,33%
Sciencia e geometria — 31,14%
Instrucção civica — 63,42%
Portuguez — 37,28%
Desenho — 69,6%

Na escola «Azevedo Sodré», assisti á applicação de provas trimestraes de 4.º e 5.º anno. As provas de 5.º anno são as que passo a seguem:

Colorir (*Tempo* 20 *minutos*)

Maximo 10 *pontos*



Escrever carta a uma amiguinha, residente em cidade distante, felicitando-a por tomar parte num festival em beneficio de orphãosinhos pobres.

Dizer que achou a idéa tão louvavel que pretende imital-a, na cidade em que reside, promovendo festa identica.

Dizer como pretende realizal-a.

Pedir á amiguinha que propague, entre as mães menos instruidas, os cuidados com as creancinhas, na primeira

phase da vida, mostrando-lhes as vantagens: da hygiene do quarto de dormir, do vestuario apropriado, dos passeios etc.

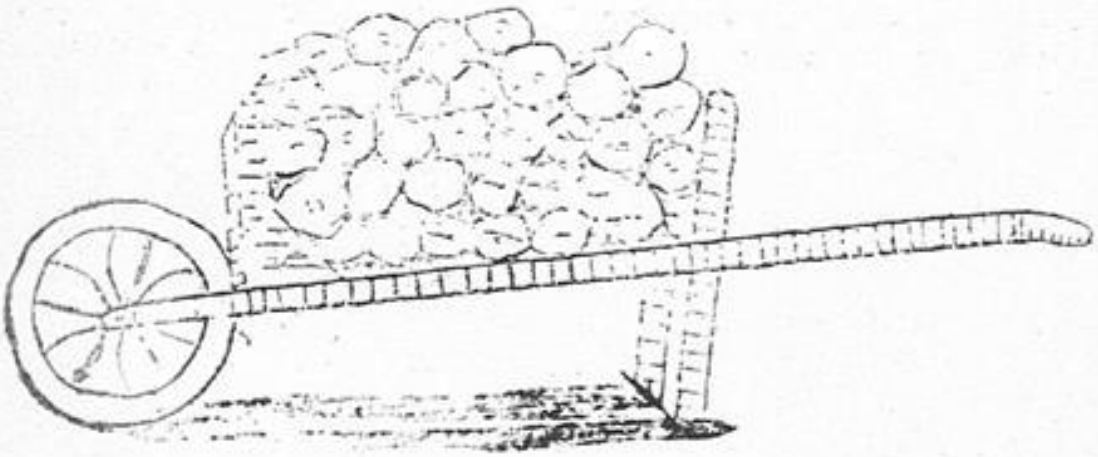
Terminar promettendo enviar, á amiguinha, um auxilio para o festival por ella promovido.

(Tratamento 3.ª pessoa do singular).

Tempo 60 minutos *Maximo 30 pontos.*

Um estancieiro, estabelecido em grande cidade, comprou no interior 30 estereos de lenha por 300$000. Pagou de frete, na estrada de ferro, 1/30 do valor da compra.

Porquanto deve revender o estereo para lucrar 2$000 em cada estereo?



Tempo 40 minutos *Maximo 10 pontos*

Exprimir a quantidade de lenha comprada em kg....

Tempo 2 minutos *Maximo 2 pontos*

---

2) *Na cidade, para transporte da lenha do caminhão ao interior da estancia, foram empregados carrinhos de mão. Que especie de alavanca representa o carrinho de mão?.....*
.....

) Qual o factor potencia no trabalho do carrinho de mão?.....

2) Qual a região do Brasil mais rica em madeiras?...
.....

2) *Qual o porto mais importante da Região Oriental?*
.....

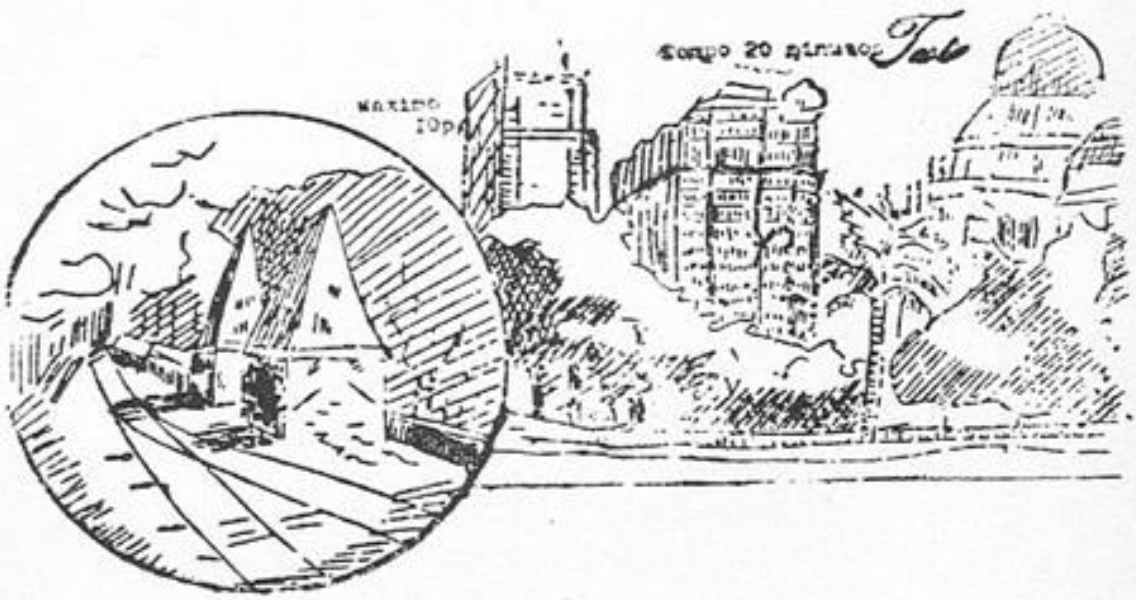
6) *Na capital do Brasil estão os tres poderes da Republica; são elles:* .....

2) *Das invenções do seculo XV, qual a que mais concorreu para a illustração do povo, tornando-se indispensavel á vida das grandes cidades?*.....

2) *Para a construcção de uma praça foi adquirido um terreno de fórma polygonal. de 8 lados eguaes. Que fórma geometrica tem esse terreno?* .....

Tempo 20 *minutos* *Maximo* 18 *pontos*

O problema, para o qual os alumnos dispunham de quarenta minutos, foi resolvido por quatro meninos em menos de dez minutos, sendo que duas provas estavam perfeitas e duas terrivelmente erradas. Seguem-se as provas do 4.° anno:



Colorir

Maximo 10 *pontos* *Tempo* 20 *minutos*

Resolver, indicando o calculo:

Um pateo de fórma quadrangular, tendo 8 *metros de comprimento e* 12,5 *de largura e todos os angulos rectos, foi*

ladrilhado com ladrilhos de 1 dm. de comprimento e 10 cm. de largura.

Quantos ladrihos foram precisos?

Qual a superficie em Dm. 2 ?

Que figura geometrica representa o pateo?

Tempo 30 minutos Maximo 12 pontos

Escrever carta a uma amiguinha distante, que não conhece a nossa cidade, convidando-a a passar um mez, no Rio, em sua companhia.

Prometter leval-a a passeio pelos recantos mais pittorescos da nossa cidade. Descrever-lhe um logar aprazivel do Rio. Dizer qual o passeio que prefere e porque.

(Tratamento 2.ª pessoa do singular).

Tempo 60 minutos Maximo 30 pontos

1) Em que Estado foi fundada a primeira cidade do Brasil?.....

2) A que região pertence este Estado?.....

3) Entre os nomes abaixo mencionados, destacar o do fundador da primeira cidade do Brasil e a data da fundação, escrevendo-os nos parentheses que se seguem:

( ) ( )

Pedro Alvares Cabral Thomé de Sousa Christovam Colombo

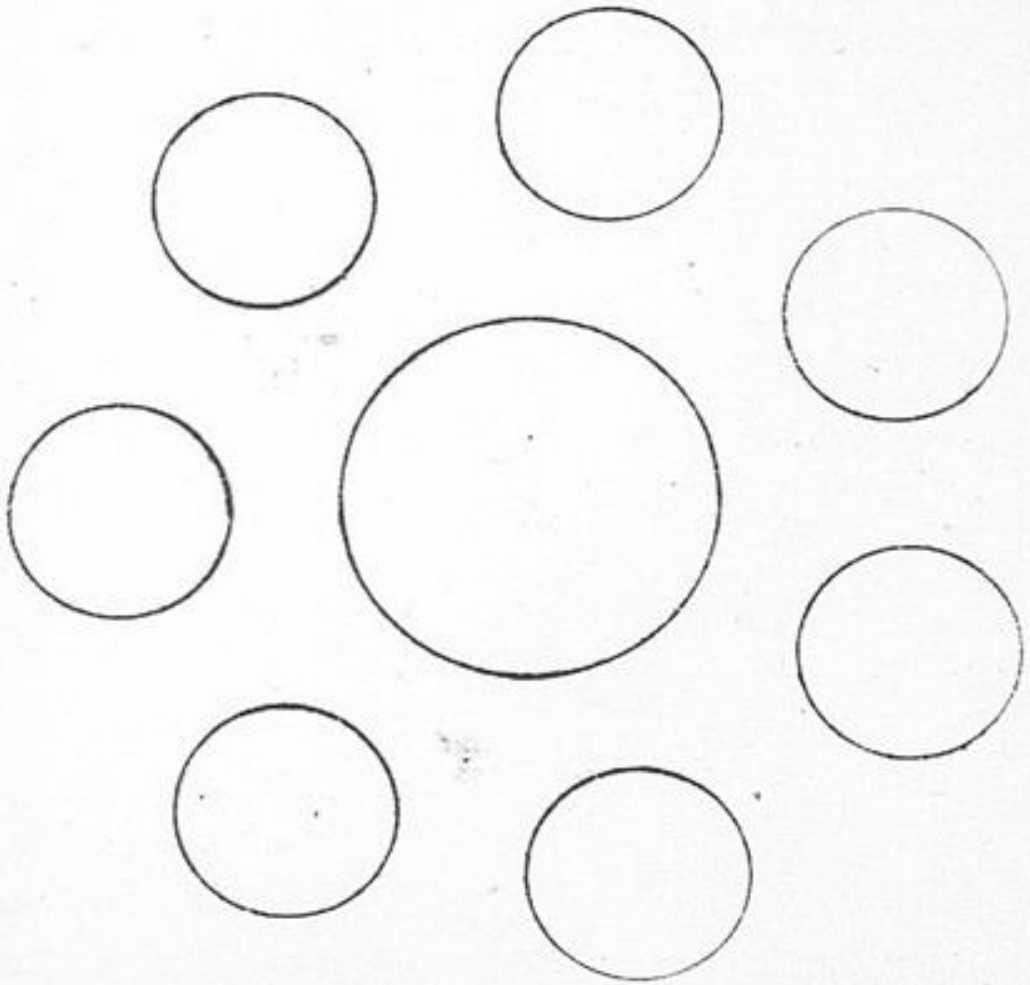
1549 1888 1792

4) Quando construiam uma casa cahiu, do quarto andar ao solo, um tijolo. Qual a direcção seguida pelo tijolo?

Que força o attrahiu para a terra?.. .. ..

16) *Escrever no circulo do centro o cargo do representante do Poder Executivo da Rapublica e nos circulos menores os de seus auxiliares directos.*

.....Maximo 28 pontos *Tempo 20 minutos*



A parte de conhecimentos geraes, para cuja realização os meninos dispunham de vinte minutos foi termina a por tres alumnos em sete minutos, tendo uma sido muito bem feita.

Parece-me que o calculo de tempo tão grande não é nexperiencia da encarregada de testes, mas sim um meio de habituar os alumnos á calma e ao raciocinio, evitando a precipitação.

Provavelmente, nas provas futuras, o tempo será mais limitado, quando já as creanças estiverem mais familiarizadas com o desenvolvimento dos testes

ALAYDE LISBOA
(Professora do Grupo Escolar de Aguas Virtuosas)

Pequena anthologia de recitativos

UM BOM MENINO

(Traducção)

O anno passado (é inutil
dizel-o) eu era um guri.
Hoje, leio, escrevo e conto:
De certo é porque cresci.

Quando de Mamãe no collo
Me sentava, muita vez,
Eu era uma creança (é claro):
Dois annos tinha; hoje, seis.

Agora frequento a escola;
Sei todo dia a lição.
Esta pasta a tiracollo
Diz que eu sou um rapagão...

Quando o mestre fala, eu escuto
E o que diz guardo de cór;
Tambem sempre elle me acolhe
Com o seu sorriso melhor.

A voz da pratica

Nesta secção serão acolhidos os trabalhos de collaboração do nosso professorado, bem como de outros funccionarios do ensino, desde que se coadunem com o programma da "Revista".

Pesca

(Aula de noções de coisas, para o 3.º anno primario)

Observação

a) Conversar com as creanças á vista de gravuras representando scenas de pesca: da baleia, á linha, com rêdes, etc.

b) Observar um pescador dentro de uma barca, o arpão, a rêde, a vara de pescar prompta com anzol e isca.

c) Contar-lhes que os pescadores se utilizam tambem de uma ave — o corvo marinho — educando-a para isso.

d) Observar a gravura da pesca da baleia: explicar os caracteres exteriores da mesma, o modo pelo qual se faz sua pesca (arpão atirado por homem — processo antigo; por canhão — processo moderno).

e) Observar um peixe ou um esqueleto ou, não sendo possivel, gravuras de peixes. Explicar seus caracteres geraes.

f) Observar outros productos da pesca: — camarão, caranguejo, siris, lagosta, ostras, perolas, coraes e esponjas.

g) Fazer observar que os primeiros — baleia e peixe — são vertebrados, os ultimos, invertebrados.

h) Explicar: a formação da perola e sua pesca (mergulhador); de onde se tira o coral (polypeiro). Fazer o mesmo com a esponja.

Associação

O homem pesca para alimentar-se e aproveitar os productos que a pesca fornece.

Productos da esca

- I) Alimentação
  - carne (salgada ou fresca)
    - da baleia—pelos povos do norte, especialmente os esquimós.
    - dos peixes—ex. : dourado, surubi, bacalhau, etc., etc.
    - dos crustaceos—ex. : camarão, siri, lagosta.
    - dos molluscos—ex : ostra.
  - gordura e azeite — da baleia—pelos povos do norte.
  - oleo ..... — de figado de bacalhau.
  - ovas..... — do esturjão—caviar — prato apreciado especialmente pelos russos.
- II) Vestuario
  - barbas..... — de baleia—espartilhos.
  - pelle..... — do tubarão—póde substituir o couro.
  - ossos..... — botões.
  - barbatanas
- III Illuminação
  - oleo..... — de baleia.
  - espermacete. — de baleia e cachalote.
- IV) Ornamentação
  - perolas..... — ostras perolíferas.
  - coraes..... — polypeiros.
- V) Fins diversos.....
  - a) industria.. — engraxar machinas e extrahir glycerina—azeite da baleia.
  - b) construcção — aproveitados pelos povos do norte para construir canôas e cabanas — ossos da baleia.
  - c) perfumaria — ambar do cachalote.
  - d) adubo..... — cascaria do tubarão.
  - e) domestico. — asseio—esponja.
  - f) marcenaria — colla.

Leitura

"A pesca" — 30.ª licção do 1.º livro da Série Braga, pag. 61.

Vamos pescar. O tanque está pouco distante da casa. Levamos varas com anzol, isca, farnel e cantil cheio de agua potavel com um pouco de suco de limão. Vão duas qualidades de isca: pedacinhos de carne e massa de farinha.

Ao partir, o tio Carlos recommendou aos sobrinhos todo o silencio. A pesca é um divertimento silencioso. E' uma diversão util, pois o peixe é artigo de alimentação muito saudavel, quando é de boa qualidade. Como passatempo, é um dos recreios predilectos do papae. Elle hoje não vae com os filhos e o cunhado á pescaria, porque tem trabalhos a executar, e não está de ferias. Pela manhã já fez seu exercicio. E, durante o dia, diz elle: "Primeiro a obrigação, depois a diversão".

Ao se approximarem do tanque, escolheram os companheiros os lugares. Cada um teve seu pesqueiro. E com immenso prazer lançaram os meninos pela primeira vez os anzoes iscados á agua. O tanque era piscoso. Vinham os cardumes á flor da agua beliscar a isca. Era, porém, difficil fisgar os peixes com o anzol. De um chasco, apanhou o Francisco um peixinho, e lá vem o bicho a pular na linha, deitando chispas de prata ao sahir da agua. E' um lambary.

Pela tarde, cada um trazia uma cambada de peixes para o jantar. Haviam passado o dia ao ar livre, tranquillos, em contacto com a natureza. O tio Carlos dissera que nos tanques, além dos peixes, ha tambem variedades de insectos que merecem estudo.

Nos municipios bem governados, é prohibido pescar durante uma parte do anno, quando devem ser poupados os peixes, para se não extinguirem. Os peixes são ainda uteis, porque destroem alguns insectos damninhos que vivem na agua.

Arithmetica

(Problemas)

I

Uma senhora foi ao mercado e comprou: 3 kilos de camarão a 15$000 o kilo, 6 kilos de dourado a 9$000 o kilo e 4 latas de sardinha a 5$000 a lata. Pagou com duas notas de 100$000. Quanto pagou e quanto lhe voltaram de troco?

II

Um peixeiro comprou 12 kilos de peixe a 4$000 o kilo e os vendeu por 7$000 cada kilo. Quanto ganhou?

III

Custando 20 kilos de bacalhau 60$000, quanto devem custar 16 kilos?

IV

Uma cozinheira fez as seguintes compras: 5 kilos de garoupa a 7$000 o kilo, 6 kilos de bacalhau a 2$800 cada kilo e 3 duzias de latas de camarão a 3$200 cada uma. Quanto gastou e quanto lhe voltaram de troco, sabendo-se que pagou com uma nota de 100$000 e outra de 50$000?

V

Para uma excellente ceia, um cozinheiro fez as seguintes compras: 7 kilos de garoupa a 9$000 o kilo, 4 kilos de dourado a 8$000 cada kilo, 5 duzias de latas de sardinha a 3$000 cada lata e uma lata de massa de tomate por 5$000. Quanto gastou?

Deu para pagar uma nota de 200$000. Quanto lhe voltará de troco?

VI

Um peixeiro comprou 20 kilos de corvina a 3$000 cada e os vendeu lucrando 4$000 em cada kilo. Quanto ganhou?

VII

Um pescador do Rio S. Francisco vendeu 20 kilos de surubi a 5$000 cada kilo, 18 kilos de dourado a 4$000 o kilo e 12 kilos de corvina a 2$800 o kilo. Quanto ganhou e quanto poude guardar, sabendo-se que gastou 50$000?

VIII

Um peixeiro comprou, de um pescador, um surubi pesando 20 kilos por 40$000 e vendeu-o, lucrando em cada kilo 3$000. Por quanto vendeu cada kilo?

IX

Um peixeiro comprou 23 kilos de corvina por 34$500 e os vendeu lucrando 4$000 em cada kilo. A como vendeu o kilo? Qual foi o seu lucro na venda de todos os kilos?

X

Um negociante vendeu 7 duzias de latas de sardinha a 3$200 cada lata. Quanto recebeu?

XI

Um peixeiro comprou 30 kilos de crumatá por 75$000 e quer vendel-os lucrando 5$000 em cada kilo. Por quanto deve vender cada kilo?

XII

Um pescador vendeu 15 kilos de piranha a 3$000 o kilo e 20 kilos de trahira a 4$000 o kilo. Quanto ganhou?

XIII

Por um dourado pesando 12 kilos, um peixeiro pagou 48$000. Vendeu-o depois a 7$000 cada kilo. Quanto lucrou em cada kilo e nos 12 kilos?

Religião

(Redacção — Historia do velho Tobias)

Havia antigamente um homem chamado Tobias, que amava muito a Deus e, por isso, procurava em tudo ser bom: consolava os que estavam tristes e dava-lhes bons conselhos, distribuia esmolas aos pobres e enterrava os mortos.

Uma tarde, depois de muito trabalhar, adormeceu em baixo de um muro. Durante o somno, cahiu-lhe nos olhos um pouco de lixo de um ninho de andorinhas. Quando Tobias accordou, estava cégo.

Elle não se queixou; resignou-se com a vontade de Deus. Ficou muito pobre e Anna, sua mulher, trabalhava para dar-lhe de comer.

Passados uns tempos, mandou seu filho, que tambem se chamava Tobias, fazer uma viagem e recommendou-lhe que arranjasse um bom companheiro. Tobias conseguiu encontrar um moço que parecia muito bom, por nome Raphael. Ao anoitecer do segundo dia de viagem, chegaram á margem do rio Tigre. Tobias foi lavar os pés, quando um enorme peixe avançou para elle. Raphael, então, disse-lhe: — "Não tenhas medo. Pega esse peixe e guarda-o, que elle serve de remedio e de farnel".

Quando voltaram da viagem, Raphael mandou que o velho Tobias esfregasse os olhos com o fel do peixe; Tobias assim fez e logo recobrou a vista.

Ficaram todos muito agradecidos ao moço. Quizeram pagar-lhe, mas elle disse que era o anjo Ra-

phael e que tinha sido mandado por Deus para curar Tobias, porque elle sempre se esforçou para fazer o bem. Tobias e seu pae ajoelharam-se e deram muitas graças a Deus. Ao levantarem-se, viram que o anjo havia desapparecido.

Lingua materna

(Vocabulario technico)

Material necessario á pesca

Pesca — aquillo que se pescou.
pescaria — grande quantidade de peixe.
pescador — aquelle que pesca.
pesqueiro — fio com anzol na ponta.
vara — pau comprido, quasi sempre de bambu'.
linha — fio de algodão ou de aço, com anzol na extremidade para pescar.
anzol — pequeno gancho terminando em farpa, para segurar a isca com que se pesca.
isca — qualquer substancia que se põe no anzol, para attrahir e pescar peixes.
rêde — tecido de malha para apanhar peixes ou outros animaes.
baleia — mamifero cetaceo.
baleeira — barca para a pesca das baleias.
baleeiro — pescador de baleias.
baleote — baleia pequena; o filho de baleia.
baleação — pesca de baleia.
baleal — ponto maritimo onde abundam as baleias.
arpão — instrumento com que se pescam a baleia e os grandes peixes.
arpôador — aquelle que arpôa.
arpôeira — corda de arpão.
arpôar — segurar com o arpão, arremessal-o, etc.
mammifero — animal que mamma quando é pequeno.
cetaceo — mammifero maritimo que tem forma de peixe. Os cetaceos são os maiores animaes existentes.
peixe — animal aquatico.
cardume — bando de peixes.
peixeiro — vendedor de peixe.
piscicultura — arte de criar e de multiplicar os peixes.
piscicultor — aquelle que se occupa da piscicultura.
pisciforme — que tem a forma de peixe.
piscoso — em que ha muito peixe.
barco — designação de qualquer embarcação.
barca — embarcação larga e pouco funda.
guelras — apparelho respiratorio dos animaes que vivem ou podem viver na agua; branchias.
mergulhador — homem que trabalha debaixo dagua, revestido ou não de um escaphandro.
polypeiro — grupo de animaes chamados polypos, onde se formam os coraes.
escaphandro — apparelho muito bem fechado, mas que tem uma bomba por onde penetra o ar, usado pelos mergulhadores para trabalhar debaixo d'agua.
perolifera — ostras em que se formam as perolas.

Exercicio com os pronomes pessoaes

Bilhete a uma amiga convidando-a para um jantar. Mudar o tratamento para a 2.ª pessoa do singular:

"Querida amiga.

Convido-a para jantar comnosco hoje porque é dia do anniversario do meu irmãozinho.

Peço-lhe que venha mais cedo, porque mamãe comprou um bello dourado e consentiu que nós ajudassemos a preparal-o. Guardaremos as escamas, a bexiga natatoria e depois o esqueleto, para mostrarmos ás collegas.

Até logo.

Da sua collega F."

Escripta

Copia da poesia "Perola", de Luiz Guimarães Filho:

Lucida perola encarcerada
Na rosea concha de um debil ser,
Teu berço dança como a jangada
Que nos recifes se vae perder.

Um dia anceias por livres ares,
Queres a vida longe de algemas,
E a terra sobes para os collares!
Para os thesouros! para os diade-
[mas!

Mas, ai! de subito eis que te can-
[ças,
Perdes o brilho do teu olhar...
Da antiga concha talvez lembran-
ças!
Talvez saudades do velho mar!

Historia do Brasil

Lembrar ás creanças, que se alimentavam da pesca os habitantes que Pedro Alvares Cabral encontrou no Brasil. Tambem os bandeirantes, que tantos serviços prestaram ao nosso paiz, alimentavam-se de peixes.

Geographia

Chamar a attenção para a preciosa variedade de peixes do rio S. Francisco, onde ha o surubi, em condições de substituir o bacalhau.

Expressão

Oral — narração de uma pescaria.

graphica { redacção sobre pesca. | desenho sobre o assumpto.

actividade { recorte. | dobraduras — barcos, etc. | modelagem.

Este assumpto foi dado em diversos dias. Por ultimo, as alumnas reuniram, em uma folha de papel cartolina, todo o material que conseguiram, relativo ao assumpto, assim como os trabalhos que fizeram.

Nota para o professor — O *cormorani* ou *corvo-marinho* é uma ave que pesca para o homem.

Na China, educam-na para este fim, collocando-lhe um annel apertado no pescoço, de fórma que, não podendo engulir o peixe, entrega-o ao dono, que depois lhe dá um bom alimento.

Quando estão educadas, não precisam mais do annel, porque entregam tudo o que apanham.

ANNA DE CARVALHO BRITTO

(*Professora do grupo escolar "Pedro II", da Capital*)

O dictado — Seus fins — Como se faz e como se corrige

Nada tenho a dizer sobre os fins do dictado, como se faz e como se corrige, porque encontro na "Revista do Ensino" methodos esplendidos para se ensinar a orthographia. Seria uma grande ousadia de minha parte querer citar o methodo pelo qual faço o dictado, pois, não tenho methodo e nem posso tel-o, devido ao curto tempo de pratica profissional.

O que eu faço é ler a "Revista do Ensino".

Cada dia emprego um systema para o dictado. Concordo com o que disse o dr. Raul Apocalypse, sobre a sua finalidade, e aprecio o que Sylvia Fernandes escreveu sobre o mesmo assumpto.

Mas, cumprindo ordens da directora do meu Grupo, respondo ás seguintes perguntas, citando o methodo de preparação e correcção de dictado, mais empregado em minha classe.

a) Qual a finalidade do dictado?
b) Como se faz o dictado?
c) Como se corrige o dictado?
a) Verificar se a classe escreve com orthographia.
b) Depois de previa e cuidadosamente preparado.
c) Sublinhando com um traço vermelho as palavras erradas.

O dictado não é um methodo para se ensinar a orthographia, mas sim para verificar o aproveitamento e desenvolvimento dos alumnos na graphia, correcta ou não, das palavras.

Para que os fructos do dictado sejam satisfactorios, é preciso que tenha sido preparado com carinho, pela leitura e pela copia.

O methodo de preparação de dictado posto em pratica por mim, é o seguinte:

Supponhamos que escolho para dictado o trecho "A palavra", do livro "Leituras manuscriptas".

Numa segunda-feira, exporei o trecho como uma lição de leitura, afim de que os alumnos aprendam a pronunciar bem as palavras; chamar-lhes-ei a attenção para as palavras de graphia mais difficil e ensinar-lhes-ei a significação das mesmas.

Na terça-feira, o mesmo processo na hora de leitura; e, na hora de calligraphia, mandarei a classe copiar o trecho lido, com a devida attenção, para não deixar escapar nenhum erro

Nesse mesmo dia, na 2.ª hora de lingua materna, dictal-o-ei a um que o escreverá no quadro negro, emquanto a classe attenta verificará nos livros se o collega escreve com correcção orthographica.

Se o que estiver no quadro errar, será immediatamente corrigido pelo 1.º alumno que levantar o dedo.

Assim está preparado o dictado para ser feito na quarta-feira, por todos os alumnos, nos cadernos.

Desse processo resulta o seguinte: O alumno que estiver no quadro, por amor proprio ou vaidade se esforça por não errar; e os demais que o acompanham nos livros, desejam sequiosamente que erre, para o corrigirem.

Assim, entram em actividade a intelligencia, a vontade e a memoria de todos os alumnos.

Tanto a copia como o dictado, corrijo-os do mesmo modo. Levo os cadernos para casa, sublinho com um traço vermelho as palavras erradas, e escrevo-as com bôa orthographia, em seguida, á margem dos cadernos, para que cada palavra errada seja escripta correctamente 5 vezes pelo alumno.

Farei, em seguida, uma lista das palavras erradas pela maioria dos alumnos, para na sexta-feira, na hora de calligraphia, antes de os mandar fazer a copia do dictado, explicar-lhes no quadro como devem ser escriptas.

ELISA DE VILHENA

(Estagiaria do grupo escolar de Aguas Virtuosas)

—

Que tendes feito ?

Esta revista, em seu numero 36, fez a seguinte pergunta: "Que tendes feito"? Sim. Que temos feito para que as nossas escolas sejam estimadas pelos alumnos e pelas familias delles? De prompto, vem-nos á lembrança uma profusão de coisas que temos feito, que, em synthese, parecem ser completas, mas que na analyse nada representam. Temos a rapida visão de que muito temos feito, embora estejamos ainda duvidosos dos resultados obtidos. Parece, ao primeiro lance de pensamento, que essa pergunta nada vale, mas eu vejo e descubro nel-

la uma enormidade de interrogações que, meditadas e estudadas, não se responderão rapidamente. Que temos feito para que o alumno estime a escola? Supprimindo os castigos? Não basta. Premiando-os? Parece pouco. Transformando a escola em logar de prazer com alegres brincos? Incompleto. Não cuidamos só do alumno, mas das suas familias. Parece-me, a mim, que não seria difficil que cada professor (ou director de grupo ou escola) nos ajudasse na resposta. Aqui vae a nossa.

Para que o alumno estime a escola, é preciso que a escola o estime tambem. Sim, são factos que não se chocam e são idéas que não se desligam. Para que a escola passe a attrahir o alumno, é mister que seja, antes de mais, o logar onde elle irá passar certo tempo, as vezes entediado com livros, na iniciação de sua vida. A escola deve ser-lhe agradavel, até nos aspectos materiaes, porque a primeira curiosidade da creança é pela vista. Ao vel-a, sinta-se bem, achando-a limpa, ornada, prompta a satisfazer-lhe o capricho infantil. Isso quanto ao aspecto material. O professor deve ter para com ella amor e carinho, interesse e paciencia, cuidado e discreta vigilancia, imprimindo-lhe uma confiança primeira, que durará emquanto esta falhar ou não cahir de vez. Nas aulas, attender-lhe quanto aos defeitos physicos, dar-lhe conforto relativamente necesario, observar com sentimento paternal as suas falhas e procurar corrigil-as dentro das normas de uma boa educação. As licções serão as mais intuitivas possiveis, as mais atirahentes (as mais absurdamente attractivas) procurando despertar-lhe o interesse pelas coisas do estudo, perdoando-lhe os erros que possam provir de um máu entendimento ou explicação do professor. Usar methodos que a pedagogia nos fornece para o melhor exito do ensinamento. Premiar, agora, os que se distinguiram, sem, comtudo, desmerecer os outros e até animal-os, para chegarem ao mesmo fim. Ser familiar, como se a escola fosse a sua casa e os seus collegas os seus manos, de modo que a creança conheça a verdade, na proporção em que vae desconhecendo os erros, e os distinga por si. Attrahil-a com festividades, excursões, jogos, gymnasticas, passeios educativos, de forma que possa nascer-lhe no intimo, indirectamente, o amor pela escola. A escola boa, por certo, chamará mais alumnos. Por escola boa entendem-se: bons professores, bons methodos e processos, bom apparelhamento e bons aspectos. Conseguida a estima do alumno pela escola, nada mais facil do que tambem a das familias, que se veem na quasi obrigação de os seguir. Alguns complementos exigem mais os paes nessa attracção. Eu noto que devem ser sempre convidados para as festas e commemorações; perder-se algum tempo em mostrar-lhes o museu, a bibliotheca, os trabalhos, os cadernos, as provas e até certas curiosidades que arrancamos das creanças. Ao ser premiado um alumno, ter a presença do pae; mandar-lhe noticias sobre o bom andamento do filho, na distincção que devem merecer pela que o filho mereceu. Ora, essas coisas, sempre repetidas, não deixarão de despertar nas familias a estima pela escola e, embora os mais rebeldes custem, acabarão acompanhando a maioria. Lembrar ás familias a dadiva de premios, tendo-se para com ellas certo interesse, para que possam tambem estimar a escola.

Fazem assim os nossos collegas?

WALDEMAR PRADO

(Director do grupo escolar "Coronel Manoel Pinto", de Carmo do Rio Claro).

Daqui e dali

Exposição de trabalhos da Escola de Aperfeiçoamento

I

A exposição de trabalhos das professoras-alumnas da Escola de Aperfeiçoamento é a primeira demonstração pratica da efficiencia desse instituto de ensino, cuja creação constitue um titulo de gloria para o governo Antonio Carlos.

Se a Escola, carinhosamente planejada e laboriosamente posta em funccionamento, não encontra similar no Brasil, onde n e n h u m outro Estado ou Capital dispõe de estabelecimento nesse genero, a exposição é tambem uma exposição impar entre quantas costumam attestar a actividade desenvolvida, durante o anno lectivo, nas nossas casas de ensino.

E para provar que se trata de alguma coisa de "differente", não é preciso mais que observar-lhe, com attenção, o copioso material e estudar-lhe, com cuidado, a organização e o sentido.

Alli, nada de espectaculoso ou de puramente ornamental, sem finalidade educativa, sem orientação pedagogica, sem base seria e concreta. Se o commum das exposições é apenas para o publico ver, a da Escola de Aperfeiçoamento não o é. Pretende e consegue mais do que isso, porque faz o visitante pensar, obriga-o a reflectir, a investigar e a concluir. E' como um campo vastissimo que se offerece á observação e ao raciocinio de quantos procuram sempre nas coisas a sua razão de ser ou a sua finalidade, não se detendo na superficie. Para esses, quanto não ha que apreciar e admirar, nas varias salas porque se espalha a mostra das professoras-alumnas da Escola de Aperfeiçoamento!

Primeira impressão: a de um grande e organizado esforço collectivo. O labor individual não se annullou, antes, pelo seu apuro e meticulosidade, deu os elementos necessarios para a obtenção de um effeito de conjuncto, harmonioso e magnifico. Percebe-se, mesmo, que dos cento e quarenta espiritos jovens reunidos naquella casa, nenhum permaneceu inactivo, como trabalharam todas as mãos. Só o curso de desenho accusa um total de cerca de seis mil trabalhos, que, não podendo materialmente figurar, em bloco, na exposição, foram submettidos a rigorosa *triage*, elegendo-se, mesmo assim, muitas centenas delles, que atopetam as paredes de um dos salões e vão desde os primeiros lineamentos até as mais engenhosas combinações de volumes, côres e linhas, em que a sensibilidade artistica se expande e extravasa, dentro das normas e preceitos tão proprios e originaes, recommendados pela notavel professora madame Artus Perrelet.

Se passarmos a outra secção, a de madame Helène Antipoff, nome consagrado pelas suas pesquisas de psychologia educa-

cional, teremos a satisfação de encontrar, ainda, a par de excellente laboratorio, magnificos trabalhos decorrentes de um sem numero de experiencias, com os respectivos relatorios, individuaes e collectivos. A completar esse departamento, lobriga-se o "museu escolar", ou seja o abundante material pacientemente colligido através inqueritos levados a termo nos grupos escolares da Capital, e em que se recolhe tudo o que se refere á creança, ao conhecimento e ao desenvolvimento infantil.

Outra secção nos attrae, egualmente, pelo muito que nos mostra, e é a de methodologia geral, sobre cujos themas traçaram as alumnas de d. Amelia de Castro Monteiro lucidos relatorios, fixando os seus pontos de vista sobre os topicos essenciaes da escola activa. Effectuaram, da mesma forma, analyses numerosas e exercicios variados sobre o livro de Dewey. — "How we think", accentuando, assim, brilhantemente, o proveito que tiravam das sabias lições daquella distincta educadora patricia.

Assignale-se, de passagem, haver sido d. Amelia Monteiro quem suggeriu a organização, no estabelecimento, de um club de sciencias, e por elle tem velado, a ponto de o tornar uma exemplar associação scientifica, com o dom de aprimorar, mercê de seus trabalhos, certas notaveis qualidades, como o sentido da tarefa em commum, o espirito de cooperação, a iniciativa, a curiosidade sadia, além de seus beneficios irrecusaveis, sobre o ponto de vista de erudição.

Não são esses, apenas, os aspectos recommendaveis da exposição, porque tambem na parte directamente influenciada pela culta professora Lucia Schmidt Monteiro de Castro, vamos achar com que nos entretermos longamente.

Farto repositorio de trabalhos sobre leitura, comprehendendo a catalogação do vocabulario de todos os primeiros livros de leitura adoptados entre nós, a elaboração de um pré-livro e de um manual que o elucida e commenta, constituindo a collecção completa destes ultimos uma genuina bibliotheca infantil, — eis o que nos occorre registrar, de momento, como o signal de uma actividade intelligente e fecunda.

Com tres mezes apenas de participação nas lides escolares, conseguiu a talentosa professora Alda Lodi imprimir uma orientação segura aos trabalhos que lhe foram confiados, e é assim que interessantes pesquisas de methodologia de arithmetica e methodologia geral, executadas sob seus auspicios, dão a medida do enriquecimento cultural das alumnas, balisando o caminho proveitosamente percorrido. São indices suggestivos, que mais de espaço commentaremos com vagar, fazendo o mesmo aos trabalhos expostos nas demais secções, todos elles dignos do carinhoso exame de nossos professores e intellectuaes, porque todos elles indicadores de um rumo novo, mais claro e mais alto, fertil em realizações surprehendentes.

II

Conforme prometteramos, damos, hoje, noticia mais pormenorizada dos interessantes trabalhos que as professoras-alumnas da Escola de Aperfeiçoamento realizaram durante o anno lectivo e expuzeram, agora, em algumas salas do estabelecimento, franqueadas á curiosidade popular, que alli encontrará applicados intelligentemente, de accordo com as circumstancias especiaes do nosso meio, os mais modernos expedientes e praticas pedagogicas.

A professora Amelia de Castro Monteiro contribuiu, com extraordinario contingente, para o exito dessa mostra sem precedentes em nossa vida escolar, orientando suas alumnas no sentido de exgottarem os mais palpitantes themas de philosophia da educação. Todos os factores educativos foram estudados e postos em relevo, conforme se verifica das linhas rapidas deste summario dos trabalhos expostos:

I — Analyse de um acto completo de pensamento (numerosos relatorios individuaes e collectivos, em que se estuda, com agudeza, a evolução do pensamento).

II — Como pensamos e como devemos pensar (analyse e applicação da grande obra do pedagogo inglez John Dewey: "How we think".

III — O interesse como factor da educação.

IV — Nutrição — Saude e desenvolvimento physico commum — Alimentos desejaveis e indesejaveis na escola.

V — Relatorios de pratica profissional (observação nas classes primarias).

Na parte especialmente reservada para o estudo e pratica dos principios de socialização da escola, figuram e prendem-nos a attenção os livros de actas e os estatutos do club de sciencias "Alvaro da Silveira", com organização propria e accorde com as exigencias da pesquisa scientifica em nosso meio; o registro e livro de actas do Conselho de Estudantes; trabalhos apresentados nas reuniões sociaes, programmas, etc. Entre as contribuições colligidas, notam-se não somente peças de caracter literario, como tambem, e principalmente, de fundo pedagogico ou scientifico, como sejam: "Suggestões para a instituição *Familia Escolar*", estudos sobre anatomia, geologia, botanica, etc. Um "jornal falado", muito interessante, inclue-se tambem nessa parte da exposição, que accusa o esforço, a competencia e o senso critico da notavel professora.

Dignos, ainda, de prolongado exame, os trabalhos apresentados sob a inspiração da docente Lucia Schmidt Monteiro de Castro, vasto e selecto material que se colleccionou sob as seguintes rubricas:

I — A liberdade nas escolas (theses collectivas e individuaes).

II — Analyse dos livros de leitura do 1.º anno, adoptados em nossas escolas. Quinze autores tiveram as suas obras examinadas de um angulo pedagogico actual, levantando-se minucioso balanço de seu vocabulario e recolhendo-se uma impressão geral, expressa em relatorios altamente suggestivos. Nesses livros se estudou o titulo, o formato, o papel, o tamanho dos typos, margens e entrelinhas as gravuras e o conteúdo intellectual.

III — Analyse das instrucções do programma primario para o ensino de leitura (relatorios em que se firmaram todos os conhecimentos já adquiridos sobre a psychologia do ensino).

IV — Pré-livros. Trabalho interessantissimo, este. Cada alumna ideou e compoz um primeiro livro de leitura, illustrando-o com desenhos originaes ou gravuras. Ha trabalhos notaveis pelos conhecimentos technicos que revelam e ainda pelo apuro da confecção. A serie forma, como já se disse, verdadeira e suggestiva bibliotheca infantil, com historias imaginadas ou adaptadas.

V — Manuaes. A esse pré-livro, foi accrescentado um manual, em que cada professora-alumna expõe e justifica os methodos e pro-

cessos de que se utilizou na feitura daquella obra, e elucida a sua applicação.

VI — Jogos educativos de leitura. Cada uma das discentes executou 24 jogos diversos.

Como se vê, dá ensejo a commentarios muito favoraveis sobre a natureza do ensino ministrado na Escola de Aperfeiçoamento, essa secção de methodologia de leitura, confiada ao talento e cultura exemplares da distincta professora Lucia Schmidt.

Não é outra a impressão que se tira do sector consagrado aos trabalhos de methodologia de arithmetica e methodologia geral, effectuados, em curto tempo, sob o controle da professora Alda Lodi. Enumeremol-os a seguir:

I — Conhecimento dos numeros. Relatorios individuaes e collectivos, em que se passam em revista os differentes processos de conhecimento — serie, collecção, razão e relação — e se opta, finalmente, por este ultimo, que abrange os tres outros.

II — A creança e o programma escolar.

III — Considerações sobre a escola moderna.

IV — Testes de arithmetica applicados em algumas classes de 1.º anno da Capital. As pesquisas giraram em torno de: Qual o caso mais difficil e qual o mais facil de subtracção?

As respostas foram catalogadas em graphicos que exprimem os resultados de cada classe e de cada grupo escolar, estando em elaboração o graphico geral, cuja utilidade será inestimavel para a dosagem das difficuldades no ensino da sciencia arithmetica.

Amanhã, diremos algo sobre os mostruarios de psychologia educacional e de desenho e modelagem, installados, respectivamente, sob a direcção de madame Helène Antipoff e madame Artus Perrelet.

III

Seria dar uma idéa muito incompleta da exposição de trabalhos das professora-alumnas da Escola de Aperfeiçoamento, fazer-lhe uma synthese em que não fossem sufficientemente póstos em relevo os trabalhos de psychologia, executados sob a clara e intelligente direcção de madame Helène Antipoff. Essa parte da grande mostra educacional, occupando tres salas do estabelecimento, serve para demonstrar quão acertado andou o nosso governo, indo pedir ao Instituto João Jacques Rousseau, de Genebra, a collaboração de uma de suas figuras mais illustres, para exercer importante funcção technica na nossa Escola. A distincta auxiliar de Claparéde imprimiu segura orientação a esses trabalhos, desenvolvendo nas alumnas o espirito scientifico, de bem experimentar, bem observar e bem induzir. Por isso mesmo, sua exposição abre um largo campo de acção, que abrange o estudo aprofundado da creança sob todos os seus aspectos: o physico, o intellectual e o moral.

Na primeira sala, vamos encontrar os apparelhos, muitos delles delicados e de grande precisão, que constituem o laboratorio de psychologia e se distribuem em tres secções: psychophysica, psychodynamica e psychochronometria. Observamos, na primeira secção: uma série de peças para avaliação da sensibilidade discriminativa dos pesos; o tonometro de Hornbostel, para medir a acuidade auditiva musical; o compasso de Sperman, os cartões de Binet, que nos permittem a medida da sensibilidade tactil; o pressiometro, que nos elucida sobre a sensibilidade kinesthesica;

os discos rotativos e as lãs de Holmgren para a verificação do daltonismo; o kinematometro de Heumann, registrador da precisão dos movimentos, etc. Na segunda secção: o dynamometro de Collin, que mede a força muscular; o ergographo a mão, destinado a registrar a fadiga e o trabalho muscular. Finalmente, na terceira: o chronoscopio de d'Arsonval, que nos inteira sobre o tempo de reacção; o kimographo de Ludwig, de funcção registradora, e o tachistocopio, para pesquisas relativas a attenção.

Do enumerado, resulta que a esse laboratorio não falta o apparelhamento, delicado e custoso, que o habilite a preencher cabalmente os seus fins.

Em outra sala, recolheu-se abundante material referente a *tests*, sendo os trabalhos americanos e francezes, no genero, traduzidos e adaptados ás nossas creanças, pelas alumnas da Escola. Vêem-se, ahi, os *tests* de Goodenough, Dearborn, Alice Descœudres, Binet-Simon, versando linguagem, calculo, intelligencia, etc., bem como documentação nossa, trazendo o cunho de nossas tendencias e necessidades.

Toda uma parede é occupada pelos resultados de um curioso inquerito procedido entre meninos e meninas do 4.º anno, dos grupos escolares de Bello Horizonte. Apresentou-se a essas creanças o seguinte questionario:

1.º — Qual o trabalho que você prefere na escola? E em casa?

2.º — Qual é o seu brinquedo preferido?

3.º — Qual o livro ou historia de que você mais gosta?

4.º — Com que pessoa quereria parecer? Porque?

5.º — Com que pessoa não queria parecer? Porque?

6.º — Quando você for grande, o que quer ser? Porque?

7.º — No dia de seu anniversario, que presente quer ganhar?

8.º — Si você tivesse muito dinheiro, o que faria delle? Porque?

Mais de seiscentas creanças deram suas respostas — e "essas respostas impressionam pela sinceridade e são tão pittorescas como eloquentes e instructivas", assegura-nos madame Antipoff. Ellas têm para nós o valor inestimavel de esclarecer-nos sobre os interesses e os ideaes da creança brasileira.

Outros trabalhos que nos feriram a attenção, na mesma ordem de estudos, são os relatorios, individuaes ou collectivos, os quadros para a concretização do ensino de anthropometria, as estatisticas de mortalidade das creanças brasileiras, a comparação da altura destas com a das creanças de outros paizes, etc., — tudo isso constituindo o arcabouço de um admiravel e original "Museu da Creança", com que a consagrada educadora suissa pretende dotar a Escola de Aperfeiçoamento, e em que nada faltará do que possa trazer-nos alguma luz sobre a vida infantil, seus interesses, suas condições, seu panno de fundo, emfim.

— Uma ultima parte da exposição attráe a nossa curiosidade, que ahi encontra pasto para as mais finas emoções de arte: a secção de desenho e modelagem, onde se accusam os dotes excepcionaes do rico e colorido espirito de madame Artus Perrelet.

Essa grande educadora suissa, applicando as directrizes do seu famoso methodo de desenho, conseguiu renovar por completo esse ensino entre nós. E' uma esthetica de boa linhagem, com o dom de imprimir um cunho sentido mystico e espiritual ás coisas sobre que se exerce sua sensibilidade.

Para além dos volumes e das combinações de côres, sabe enxergar e fazer enxergar o aspecto intimo, a notação psychologica, o "sentido moral" de uma paisagem ou de um retrato. Dahi o extremo interesse de seus trabalhos, interesse que se communica aos de suas alumnas, cada uma destas tendo executado mais de cincoenta composições differentes, num total de perto de seis mil, na maioria bellissimas. Damos aqui uma indicação do material exposto, depois de rigorosamente seleccionado:

I. Estudos das linhas e figuras geometricas.

II. Valores de sombra a crayon.

III. Valores de sombra a aquarella.

IV. Paisagens a aquarella (uma extensa e variadissima collecção do mais alto valor, indicando claramente os rumos novos seguidos pelas alumnas).

V. Jogos educativos para o ensino de linhas e figuras geometricas.

VI. Vasos gregos, com applicação das figuras geometricas

VII. Fórmas espherícas a crayon.

VIII. Fórmas espherícas a aquarella.

IX. Valores de sombra applicados aos vasos e corpos geometricos.

X. Perspectiva.

XI. Figuras geradoras.

XII Côres mães e complementares.

XIII. Estudo das figuras e linhas geometricas applicadas aos corpos animaes.

XIV. Creação de attitudes pelo canon artus.

XV. Folhas tiradas da natureza e sua estylização.

XVI. Modelagem. quadros ornamentaes.

A exposição da Escola de Aperfeiçoamento continúa ainda aberta a quantos desejem visital-a.

(*Do "Minas Geraes", de* 11, 12 *e* 14 *de dezembro*).

—

A escola activa

Quando surgiu

A escola activa é uma das mais interessantes conquistas da humanidade, após a grande guerra. Latente ha seculos no cerebro de grandes educadores, a escola nova, a escola em que o alumno vae desvendando por si mesmo os mysterios do mundo ambiente, em que a creança, num deslumbramento, vae vendo tudo o que a rodeia, sob a orientação sabia e paternal do mestre, num esforço espontaneo de sua curiosidade, surgida triumphante após o armisticio de 1918.

A humanidade, ainda meio atordoada com o echo dos canhões que perturbaram a serenidade da velha Flandres, tendo ainda nos ouvidos o ribombar das granadas, o ruido continuo da metralha e o rumor sinistro dos aeroplanos de combate, accordada, ha pouco, do desfallecimento dos gazes asphixiantes, levantou-se de novo para a vida.

Ao redor, no mundo inteiro, só havia o desmantelo, a miseria, a orphandade e a fome.

Era preciso uma reacção energica e prompta para insuflar nas arterias cansadas dos ex-combatentes, uma nova lympha vivificante.

E então, dos destroços da Grande Guerra, surgiu a nova era do dynamismo.

A lucta pela vida tornou-se mais ardua e foi preciso estudar-se um meio de tornar o progresso mais rapido e dar ao homem um modo de, por si mesmo, viver sem necessitar da assistencia constante de seus semelhantes.

A escola tambem não se poude furtar á avalanche das modernas ideias. E o sonho maravilhoso de Jean Jacques Rousseau e Pestalozzi tornou-se uma realidade vencedora.

A escola e a creança

A escola activa, aquella em que o mestre deve ser como a luz que illumina do alto, para que os alumnos possam trabalhar, a escola em que a creança é o "pivot" de todas as attenções e o centro de gravitação dos que estudam o problema do ensino, surgiu grandiosa e dominadora.

Na Belgica, na França, na Suissa, no Uruguay, na America do Norte e em quasi todas as nações civilizadas, os modernos processos pedagogicos tomaram um impulso gigantesco.

A escola activa em Minas

O Brasil não podia ficar inerte, na hora intensa que o resto do mundo vivia.

E foi o nosso Estado um dos que tomaram os lugares de vanguarda no movimento reformador da instrucção.

O exmo. sr. dr. Francisco Campos, illustre secretario do Interior e um dos mais fortes talentos da nova geração brasileira, em boa hora resolveu introduzir entre nós os modernos methodos de educação, e secundado pelo exmo. sr. dr. Mario Casasanta, o grande realizador das ideias da escola nova, fez esta obra formidavel, que assignalará para sempre a passagem dos actuaes homens do Governo, pela direcção de nosso Estado: — a reforma do Ensino.

A reforma de Minas

Baseada no interesse, na cooperação e na iniciativa, a reforma transformou a escola no verdadeiro templo da educação, segundo os novos conceitos, isto é: — a educação considerada como o desenvolvimento integral do individuo.

Do cubiculo marasmatico em que estava prisioneira a actividade infantil, a escola se transformou em nossos dias numa colmeia intensa, em que todos trabalham.

A creança de nossos dias deve ver que tudo na escola foi feito exclusivamente para ella. O professor deve procurar saber o que mais a interessa, para depois escolher o thema de sua aula. Os bancos escolares devem se destinar a descançal-as, collocando-as numa posição mais natural e mais commoda. O horario deve ser flexivel conforme suas necessidades; a escola deve procurar saber qual o seu alimento e como vive, o que soffre e quaes as suas fraquezas organicas. Para tudo deve haver remedio, para tudo carinho, para todos os pontos da vida da creança deve existir um pouco de attenção das professoras.

As aulas devem ser preparadas previamente para que a professora possa bem ministral-as e tornal-as accessiveis ás intelligencias nascentes dos pequenos estudantes. E a escola não se deve limitar apenas ao perimetro escolar. Irá além.

Penetrará nos lares, saberá como a creança está sendo educada, auxiliará os paes na educação, e muitas vezes os educará tambem. E assim comprehendida a escola irá espalhando beneficios a mancheias e trazendo a felicidade para a creança, esta felicidade que

Bertrand Russel declara ser: "absolutamente necessaria para a formação de um typo perfeito de homem".

O papel da professora

Vós, novas professoras, deveis fazer hoje a vossa profissão de fé, ingressando na legião dos pioneiros da nova escola.

Observando a creança, sondando-lhe os desejos, examinando com cuidado os seus trabalhos, procurando saber o meio em que vive, tereis material bastante para bem comprehenderdes os encantadores e suaves mysterios da alma infantil.

E' preciso tambem sejaes indulgentes para com a creança. Em nossos dias não tem razão de ser a sentença de Lafontaine, taxando a infancia de "cet age cruel". A creança é essencialmente boa. O mal em seu espirito, se apparece ou é por causas morbidas ou por defeitos de educação, e nunca por vontade ou desejo de praticar o mal. O professor precisa, pois, saber limitar a sua auctoridade. "E' preciso, diz Marco Antonio Juliano, commentando a obra de Pestalozzi, que a creança sinta, por assim dizer, sua *dependencia* e sua *liberdade*." Isto é, o mestre deve deixal-a mostrar em toda plenitude a singeleza de sua alma e apparecer vagamente norteando-a e guiando-a, sem que ella mesma o perceba. Deve-se incutir no espirito infantil o amor pelos mestres a tal ponto que, quando necessario, sua auctoridade appareça aos olhos da creança, sem o aspecto phantastico das assombrações.

São estes os ultimos conselhos que levaes desta casa.

Tende fé. Sêde boas. Cumpri com o vosso dever. Amae a creança. Fazei della o ponto central de vossa attenção. E sereis então verdadeiras Mestras!

J. Albano de Moraes

(*Assistente technico do ensino*)

Trecho de um discurso proferido no Collegio "Immaculada Conceição", de Barbacena.

—

O espirito associativo do professorado mineiro

Ao focalizarmos a grande questão do ensino, devemos collocar no proscenio a figura da criança; é ella o "pivot" de toda a sciencia da educação; professores, methodos e processos, investigações psychologicas, estudos e experiencias, tudo existe e se move em torno desse pequeno ser, que tanto nos encanta e commove.

Só muito ao fundo do scenario apparece-nos a personalidade do professor, deslocado, pelas novas correntes pedagogicas, para um plano secundario: — de senhor absoluto que era, unico cerebro a pensar e a dizer, passou, na escola, a ser o amigo em quem se confia, o orientador a quem se consulta, o guia, cujo auxilio é sempre seguro e valioso.

Marchamos, assim, para a auto-educação: — é o proprio individuo que se educa a si mesmo; só elle mesmo poderá mover a machina de seu pensamento e desenvolver os poderes de seu espirito.

Concentrar a attenção, observar, comprehender e assimilar são processos mentaes privativos do proprio educando e condições imprescindiveis á marcha regular de seu crescimento.

A nova pedagogia chegou mesmo a promulgar que, na obra educativa, o professor é um mal necessario.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Todavia, nós, assistentes technicos, peregrinos da instrucção nos mais afastados rincões do Estado, podemos asseverar que o mais grave e relevante problema da Reforma do Ensino está sendo, na hora que passa, a formação do professorado mineiro, sua orientação nos caminhos indicados pelas sabias disposições de nossos regulamentos.

Kerschensteiner demonstra, numa de suas ultimas obras, que as grandes reformas no campo do ensino e da educação devem visar, antes de tudo aos educadores, e Beatriz Ensor, respeitavel educadora, affirmou, na IV Conferencia Internacional de Educação, realizada em Locarno, o seguinte: "En las escuelas nuevas — dijo — no es el niño el problema dificil, sino el maestro".

Não pode haver, de facto, bons methodos sem bons professores; somos, pois, forçados a concentrar em torno do educador nossas mais serias preoccupações, já que da solução de seus problemas depende o exito completo da grande campanha innovadora a que nos vimos dedicando.

Ao lado da preparação technica de nosso professorado, avultam outras questões de indeclinavel importancia, sobresaindo a da saude e condições hygienicas do grande numero de professores mineiros, e é este o ponto que desejo ventilar nestas despretenciosas linhas.

Não temos, é certo, uma estatistica segura sobre as condições sanitarias do nosso corpo magisterial; mas si tomarmos por base a que se fez, ultimamente, no Estado do Rio, chegaremos a conclusões assustadoras.

No periodo decorrido de junho a outubro ultimo, uma commissão encarregada das inspecções de saude do magisterio carioca, poude apresentar, com segurança, os seguintes dados: sobre 258 professoras examinadas, foram innumeras afastadas dos trabalhos escolares e aposentadas varias outras, pelas seguintes molestias:

Tuberculose	41
Lepra	3
Syphilis	11
Lesões cardiacas	19
Estados mentaes e nervosos	12
Lesões renaes	7
Alcoolismo chronico	1

Discorrendo sobre o assumpto, em brilhante conferencia pronunciada no Rio, disse o dr. Octavio Ayres, após apresentação dos dados acima: "Que ensino podiam essas pobres senhoras ministrar aos alumnos, quando sentiam a saude minada tão atrozmente? Que escolho formidavel encontra a Directoria da Instrucção em um magisterio tão fundamente desfalcado nos seus elementos componentes e difficilmente substituivel durante os trabalhos escolares"?

O illustre clinico refere-se, em seguida, aos exames medicos nas escolas normaes, que, na sua opinião, devem preceder aos exames pedagogicos, e se extende em longas e proficientes considerações sobre a resistencia physica das mulheres.

Comquanto em nosso Estado o coefficiente não se eleve a tanto, como é de suppor-se, somos levados a crêr que o ensino se encontra grandemente prejudicado pelas precarias condições de saude de grande parte de nosso magisterio.

E, deste, poucos são os elementos cujas condições de vida não difficultem ou impeçam inteiramente um largo interregno nos trabalhos do cargo e a effectuação de vultosas despesas, imprescindiveis a um tratamento rigoroso, capaz de lhes promover o pleno restabelecimento do vigor physico.

Todavia, não devemos cruzar os braços, estarrecidos deante da enormidade do problema e afastar delle o nosso pensamento, pela desesperança de uma solução feliz.

Do seio do proprio magisterio devem partir os esforços capazes de resolver não só esta, mas tambem outras questões de vulto, intimamente ligadas á situação actual dos professores.

Somos cerca de 7.000, esparsos por todo o territorio mineiro, mas não procurámos desenvolver ainda entre nós o *espirito de classe*, não somos uma corporação organizada.

Si nos unissemos, si conjugassemos esforços em prol de uma causa commum, por certo chegariamos, dentro de pouco tempo, á obtenção de resultados surprehendentes.

Deveriamos começar fundando uma associação dos professores mineiros, com séde na capital do Estado: — bastava que cada um de nós concorresse, mensalmente, com a insignificancia de 5$000, que poderiam ser descontados dos vencimentos e revertidos aos fundos da instituição, para alcançarmos uma renda mensal de . . . ... 35:000$000 ou 420:000$000 por anno.

Esses algarismos poderão causar espanto a muita gente, mas corresponderão á realidade, si se não abandonar o principio da união, ou o lemma: "um por todos e todos por um".

Destinada a crear e fortificar os vinculos de solidariedade entre os elementos do magisterio, a associação poderia se transformar, com o tempo, em poderosa organização.

Sufficientemente apparelhada, não lhe seria difficil offerecer amparo aos professores pobres e doentes, bem como enfrentar outros magnos problemas, dentre os quaes avulta o de libertação do magisterio ás injuncções politicas, quasi sempre prejudiciaes á causa do Ensino Publico.

Ahi ficam estas obscuras suggestões: — oxalá que espiritos clarividentes convirjam sua attenção para o assumpto e nos orientem com as luzes do seu saber.

JOSE' RAYMUNDO NETTO.
(*Assistente technico do ensino*)

Informações uteis

Serão respondidas, nesta secção, tanto quanto possivel, todas as consultas concernentes ás questões de ensino, quer technicas, quer administrativas.

P. — *Em um districto onde funccionam duas escolas mistas, podem os professores das mesmas entrar em accordo, a bem da efficiencia do ensino, para matricular só alumnos do 1.º anno em uma escola e, na outra, alumnos do 2.º e 3.º anno?*

R. Opinamos pelo sim, visto ser de vantagem para o ensino, desde que a matricula do 1.º anno não exceda muito o maximo estabelecido para cada escola.

A combinação de duas escolas tem sido permittida. — A. Marrinho.

Imprensa Official do Estado de Minas Geraes

Origem: Doação